



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

PROFISSÃO E IDENTIDADES: uma análise sociológica dos fatores que influenciam na escolha profissional e a consequente construção de identidades profissionais

Cássia Fernanda Cutrim de Sousa

SÃO LUÍS

2016

CÁSSIA FERNANDA CUTRIM DE SOUSA

PROFISSÃO E IDENTIDADES: uma análise sociológica dos fatores que influenciam na escolha profissional e a consequente construção de identidades profissionais

Monografia apresentada como requisito para a conclusão do Curso de Ciências Sociais - Bacharelado e Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA.

Orientador: Prof^o Me. José Domingos Cantanhede Silva.

SÃO LUÍS

2016

Sousa, Cássia Fernanda Cutrim de

Profissão e identidade: uma análise sociológica dos fatores que influenciam na escolha profissional e a consequente construção de identidades profissionais/ Cássia Fernanda Cutrim de Sousa– São Luís, 2016.
65 f

Monografia (Graduação) – Curso de Ciências Sociais Universidade Estadual do Maranhão, 2016.

Orientador: Prof. Me José Domingos Cantanhede Silva

1. Profissão.2. Escolha profissional. 3. Identidades profissionais. Título

CDU:316.334.22

CÁSSIA FERNANDA CUTRIM DE SOUSA

PROFISSÃO E IDENTIDADES: uma análise sociológica dos fatores que influenciam na escolha profissional e a consequente construção de identidades profissionais

Monografia apresentada como requisito para a conclusão do curso de Ciências Sociais- Bacharelado e Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão.

Orientador: Prof^o Me. José Domingos Cantanhede Silva.

Aprovada em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. José Domingos Cantanhede Silva
Orientador

Prof^a. Dra. Marilande Martins Abreu

1º Examinadora

Prof^a. Me. Andréa Joana Sodré de Sousa

2º Examinadora

São Luís

2016

AGRADECIMENTOS

Dos maiores desafios que a graduação proporcionou à minha experiência, não apenas acadêmica, mas de vida, certamente posso destacar a concretização deste trabalho monográfico. Tendo em vista que estive, em todo caminho percorrido, na presença de pessoas que somaram e contribuíram para a realização desta etapa, não há como finalizá-la sem dedicar a cada uma delas, os meus mais sinceros agradecimentos.

De já peço desculpas por não citar todos os nomes, mas gostaria que soubessem que reconheço e lembrarei com carinho daqueles que puderam, de alguma forma, tornar esta conquista algo real.

A Deus Pai, autor da minha existência e à Mãe Maria, por sua intercessão. Agradeço pelos momentos que, somente Vós compreendestes o mais íntimo de meu ser, dando-me forças e saúde para continuar nessa jornada e mostrando-me sempre o caminho certo a seguir.

Aos meus amados e admiráveis pais, Carlos Fernando Baima de Sousa e Marly Cutrim de Sousa, por todo incentivo aos estudos. Por terem se dedicado a ensinar a mim e à minha irmã que, o importante na vida é realizar os nossos sonhos, acreditando que é possível, respeitando sempre o próximo, sem jamais esquecer quem realmente somos e de onde viemos. Agradeço por ter-nos guiado no caminho da fé, pelas broncas, conselhos, por todo exemplo de vida que representam, pelo auxílio financeiro e, sobretudo amor em todos os momentos que vivenciei.

A minha irmã, Carla Eduarda Cutrim de Sousa- Duda, pelas orações, amizade sincera, carinho e dicas prestadas. E, principalmente, por me convidar para cantar contigo ou assistir aqueles vídeos que tanto nos distraem e nos fazem sorrir, mesmo quando estou triste e nervosa.

Ao meu namorado e companheiro, José Nogueira Neto, por todos os anos dedicados a ajudar-me a ser uma pessoa melhor, pelo carinho, delicadeza e amor. Por sempre acreditar que posso chegar muito mais longe, quando nem eu mesma acredito. Por segurar minha mão e dizer: “estou contigo! Você consegue!”.

A toda minha família, avós, tios (as), primos (as), pelo carinho, orações e pensamentos positivos!

A Francynilde Cardoso Pestana – Mah, por segurar minha mão em tantos momentos de tribulações, pelo ombro mais que amigo, pela generosidade, cumplicidade, além dos auxílios na transcrição das entrevistas. Obrigada, por todos os dias, ter me acordado com uma palavra de incentivo, pelas orações, por me distrair com suas histórias e me fazer sorrir.

A Nathália Fernanda Oliveira Pinho, por tantos momentos agradáveis, por sempre ter acreditado em mim, pelo privilégio de ser minha amiga de infância e parceira de jornada.

A Natally Rodrigues, minha parceira e amiga, que compartilhou tantos momentos ao meu lado. Por ter se disponibilizado, tantas vezes, em ajudar-me quando sentia-me perdida nos estudos. Obrigada pelas palavras de incentivo, pelas dicas e demais conselhos sobre este trabalho. Por ter revisado, algumas vezes, meus escritos. Minha co-orientadora! (risos).

Aos companheiros da turma de Ciências Sociais 2010.2: em especial, Raylina Maila, por todo carinho e amizade dedicada, desde o primeiro dia de aula, posso dizer que foi quem primeiro me estendeu a mão e, mesmo distante sempre procura saber como estou. Klícia Nathanny e Sabrine Cardoso pela amizade e carinho. Tacilvan Alves por ter emprestado seus bens mais preciosos, os livros, que tanto me auxiliaram. E aos demais, meus sinceros agradecimentos!

Ao meu professor e orientador, José Domingos Cantanhede Silva, por ter aceitado prontamente auxiliar-me neste desafio. Pelo empenho e dedicação, pelas explicações e conselhos que tanto me ajudaram nesse processo de construção monográfica.

As professoras Vera Lúcia Bezerra Santos e Conceição Pacheco, pela amizade, confiança e oportunidades dedicadas a minha pessoa.

A todo corpo docente do Curso de Ciências Sociais da UEMA, os quais tive o privilégio de aprender e compartilhar aprendizados, desde os primeiros passos nessa empreitada que é a graduação.

Por fim, mas não menos importante, à professora de Sociologia do Centro de Ensino Menino Jesus de Praga, Rosiene de Jesus Cordeiro, pela prontidão e por ter cedido seus horários para a realização das entrevistas. Aos discentes, principalmente aos que se propuseram a ser entrevistados e, a toda comunidade escolar.

As escolhas profissionais encerram formas de socialização vividas no interior dos grupos sociais nos quais o indivíduo esteve inserido. Assim, a família, os vizinhos, os amigos, a escola nos seus diferentes níveis, e outros espaços sociais são importantes para a compreensão das escolhas de cada indivíduo.

(Maria G. C. A Nascimento)

RESUMO

Esta monografia analisa, sociologicamente, os fatores que influenciam a escolha profissional de adolescentes e como acontece o processo de construção das identidades destes estudantes. Tomou-se como campo empírico a escola pública Centro de Ensino Menino Jesus de Praga. A discussão teve como objetivos: compreender profissão e identidade profissional; identificar quais os fatores socioculturais que influenciam na escolha profissional; descrever a construção das identidades dos estudantes a partir desta escolha. A construção conceitual de profissão torna-se de extrema importância para iniciarmos este trabalho, ao nos fornecer análises sociológicas que visam descrever esse processo multifacetado, que estabelece relação com as identidades que se formam a partir dessa atribuição profissional.

Palavras-chave: Profissão. Escolha Profissional. Identidades Profissionais.

ABSTRACT

This monograph analyse, sociologically, the factors that influence the professional choice of adolescents and as happens the process of construction of the identities of these students. Was taken like empirical field the public school Centro de Ensino Menino Jesus de Praga. The discussion had like objectives: to understand profession and professional identity; to identify the factors sociocultural what they influence the professional choice; to describe the construction of the identities of the students from this choice. The conceptual profession construction is made of extreme importance in order that we begin this work, while supplying with us sociological analyses that aim to describe this multifaceted process, which establishes relation with the identities that are formed from this professional attribution.

Keywords: Profession. Choice Professional. Professional Identities.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 PROFISSÃO COMO OBJETO DE ESTUDO SOCIOLÓGICO	19
2.1 A construção histórico-social das categorias ofício e trabalho	20
2.2 O olhar sociológico sobre ocupação e profissão	26
2.2.1 Perspectivas da Corrente Funcionalista	32
2.2.2 Perspectivas da Corrente Interacionista.....	34
2.3 Identidades profissionais	36
3 A ESCOLA COMO CAMPO NORTEADOR DE ESCOLHAS PROFISSIONAIS	39
3.1 “Dom” e/ou Gosto	43
3.2 Influências Familiares	45
3.3 Vivências e Experiências.....	53
3.4 A construção da Identidade a partir da escolha profissional.....	54
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS	62
APÊNDICE	65

1 INTRODUÇÃO

A escolha de uma profissão encontra-se como um dos maiores desafios para o adolescente¹ estudante do Ensino Médio, uma vez que são recorrentes os indivíduos de seu entorno lhes perguntar: “qual profissão você quer seguir quando sair da escola?”. Em alguns casos, quando ainda crianças, os indivíduos são instigados em responder o que pretendem ser quando crescer e acabam sendo influenciados por fatores que permeiam o contexto social em que vivem.

Desta forma, ao longo de sua vida escolar, busca afigurar-se de alguma forma com algo que tenha mais habilidade, facilidade ou prazer de executar. Há aqueles que optam por uma profissão devido à sua identificação com determinada área; aqueles que sempre souberam qual profissão queriam seguir no futuro; aqueles que se apaixonaram através de experiências passadas, ou por se espelharem nas profissões dos pais; entre outras tantas possibilidades encontradas.

O tema proposto visa identificar os fatores que influenciam a escolha profissional de estudantes concluintes do Ensino Médio na cidade de São Luís/MA. Para tanto, tomei como campo de análise sistemática uma escola da rede pública de ensino. A pesquisa, portanto, limitou-se aos reflexos da atual sociedade, atentando para as identidades que passam a ser construídas no processo escolar e a partir do momento em que os estudantes estão em busca de uma profissão a seguir.

De acordo com a LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação, nº 9.394/96, o Ensino Médio é configurado como etapa final da Educação Básica assumindo uma identidade própria. Os órgãos educacionais estatais afirmam que, para ampliar a qualidade do ensino, foram atualizadas as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, entrando em vigor em 2011. Tem por objetivo, atender a todos os estudantes com qualidade, respeitando a diversidade nacional com sua heterogeneidade cultural, considerando os anseios das diversas juventudes formadas por adolescentes que integram a escola e que são sujeitos concretos com suas múltiplas necessidades socioculturais e econômicas.

¹ O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), criado no dia 13 de julho de 1990 refere-se a Lei 8.069 e dispõe sobre a proteção a juventude, considerada como referência mundial deste tipo de legislação. Segundo o mesmo estatuto, adolescente, categoria aqui utilizada para descrever os jovens entrevistados do terceiro ano do Ensino Médio, é o indivíduo que está entre as faixas etárias de doze a dezoito anos.

Os estudantes do Ensino Médio, como indivíduos atuantes dentro do processo de mudanças ao qual a sociedade está condicionada, tendem a adaptar suas expectativas à realidade e ao contexto que vivencia. A cada década, podemos notar características e anseios diferentes em relação aos adolescentes. Os jovens dos dias atuais não podem ser comparados, integralmente, aos jovens da década de setenta, por exemplo. Estes se diferem não apenas pela classe social, etnia/cor, gênero, mas como sujeitos que convivem em determinado contexto social, cultural, econômico e político distintos.

Os adolescentes são seres em constantes transformações e atuam no mundo produzindo sobre este e, se autoproduzindo através das relações sociais. Essas relações incluem sua inserção no chamado mercado de trabalho, bem como a construção de sua trajetória profissional.

A adolescência é compreendida como o período de transição entre a “dependência” da infância para a “autossuficiência da vida adulta”. Entendemos que essa concepção, presente na teoria da Psicologia da Aprendizagem, não deve ser encarada como algo universal. A abrangência que o conceito de adolescência apresenta refere-se às mudanças propícias dessa fase, tanto em relação ao comportamento quanto ao status social que o indivíduo adquire.

Cada tipo de sociedade experimenta, à sua maneira, esse período de transição. No entanto, percebe-se que algumas concepções trazidas pela modernidade fizeram com que fosse construído um padrão do que é ser adolescente. Padrão esse que deve ser seguido pelos demais que atravessam essa etapa. Nesse sentido, a construção sociocultural de verdades incontestáveis e cristalizadas deve ser superada e desestigmatizada pela escola, ou pelo menos deveria ser.

Por experiência própria, aprendi apenas no Ensino Superior, a desnaturalizar e estranhar o “normal” e “comum”. Afirmando que, o Curso de Ciências Sociais foi um “divisor de águas” em minha jornada não apenas acadêmica, mas de vida. Quando ainda no Ensino Médio, deparei-me com inquietações semelhantes com a dos adolescentes aos quais convivi no estágio. Sempre fui do tipo de estudante que simpatizava com quase todas as disciplinas, mas encontrava-me indecisa quando alguém questionava sobre a profissão que pretendia seguir.

Minha mãe, por ter trabalhado na área da saúde, tinha vontade de uma das filhas seguirem o mesmo caminho. Apesar do anseio, sempre incentivou que optássemos por aquilo que nos fizesse bem e realizadas, sem mais julgamentos.

Ao ingressar no curso de Ciências Sociais, da Universidade Estadual do Maranhão, não tinha a noção das lições que aprenderia com seus ensinamentos. Parte dessa descoberta deu-se ao fato da disciplina de Sociologia ter sido pouco explorada no Ensino Médio, pois só tive contato com a mesma no 1º ano. Mas, suficiente para aguçar a curiosidade e buscar mais sobre os assuntos por ela trabalhados, podendo construir um posicionamento mais crítico sobre a sociedade na qual estava inserida.

De início, tinha interesses pela área da Sociologia Ambiental, questões de sustentabilidade, etc. Esse mesmo interesse me fez produzir um projeto, no 5º período, para obtenção de nota da cadeira de Métodos e Técnicas em Ciências Sociais, ministrada pela professora Marivânia Furtado. Por um bom tempo, pensei que, este era meu problema chave, a maior preocupação à qual buscava por respostas.

No entanto, somente no período dos estágios, no 8º período, que pude perceber o quanto me incomodava com o fato dos estudantes se sentirem inquietos em relação ao que fariam ao concluírem o terceiro ano regular. Principalmente, por considerarem poucas as chances em passar no vestibular, devido ao ensino deficitário, ou porque teriam que trabalhar para ajudar nas despesas domésticas, além dos casos de pressão familiar, como dos pais que interferiram nas escolhas dos filhos, escolhendo por estes.

O interesse em abordar esse objeto como temática para o trabalho de conclusão do curso de Ciências Sociais partiu da observação que fiz durante a segunda etapa do estágio curricular em licenciatura, ao constatar que a escolha profissional é um dos fatores que mais preocupam os estudantes concluintes do Ensino Médio. Além de representar um momento de indecisão, há o anseio desses estudantes pelos sonhos, principalmente de auto realização pessoal e profissional e na maioria dos casos, acabam por contarem com outros fatores externos, porém presentes em sua realidade social.

A indecisão e a pressão social aos quais os indivíduos são condicionados, no momento de conclusão de uma etapa (ensino médio) para dar início a outra (ensino superior ou técnico- quando se tem esta opção), reforça a preocupação de

uma escolha que implicará em vivências futuras. Desta forma, esta inquietação em buscar respostas satisfatórias ou que direcionassem uma explicação a respeito deste momento que, tanto aflige os jovens, fez com que repensasse meus objetivos para a construção do trabalho monográfico.

O campo empírico para a realização da pesquisa foi o mesmo do período do estágio, por estar familiarizada com a comunidade escolar e pela amizade compartilhada com a professora Rosiene, que ministra as aulas de Sociologia nos dois turnos.

A escola foi o Centro de Ensino Menino Jesus de Praga, da rede estadual de ensino, localizada no bairro da Cidade Operária, Unidade 203, Rua 203 nº 50, zona leste de São Luís do Maranhão. Esta escola foi inaugurada em 20 de março de 1989 e, atualmente funciona em dois turnos, matutino e vespertino. Atendendo os estudantes do 1ª a 3ª ano do Ensino Médio. Embora, no período do estágio tenha trabalhado com os três anos, a pesquisa foi executada apenas com alguns estudantes do terceiro ano, turno matutino.

Dentre os objetivos deste trabalho monográfico, visou-se analisar quais os fatores que influenciariam na escolha profissional entre estudantes do terceiro ano do Ensino Médio. Tendo em vista compreender profissão e identidade profissional, identificando quais os fatores socioculturais que influenciam na escolha profissional. Além de descrever a construção das identidades dos estudantes a partir desta escolha.

De acordo com o objeto selecionado, a pesquisa qualitativa apresentou-se como a abordagem mais adequada para a construção metodológica utilizada, pautando-se na História de Vida, que por sua vez, fundamenta-se no relato de vida contado por quem a vivenciou. Esse método descreve um dado momento vivido pelo sujeito, visando apreender elementos gerais contidos nas entrevistas dos indivíduos. Segundo Spindola e Santos (2003), “por meio do relato de Histórias de Vida individuais, podemos caracterizar a prática social de um grupo”.

Em metodologia científica, a técnica da História de Vida é considerada como uma das menos utilizadas na área das Ciências Sociais. No entanto, de acordo com Becker (1993) se bem empregada, essa técnica pode fornecer ao pesquisador uma riqueza de detalhes no momento da coleta de dados. Por esta mesma característica, pode ser importante em momentos que determinada área de

estudo se tornou estagnada, pois documentos pessoais sugerem novas variáveis, assim como questões e processos que poderão auxiliar e reorientar o campo.

Na História de Vida, o pesquisador está interessado no relato de seu entrevistado, objetivando compreender e apreender a vida tal qual ela é interpretada pelo indivíduo. Assim, o pesquisador sai da posição de “dono do saber” para perceber novas formas de compreensão da realidade. Essa técnica, por mais que descreva relatos individuais, sempre irá ressaltar valores, posições e normas estabelecidas pelo grupo ao qual esse indivíduo é integrante. Portanto, na história de vida, os relatos do indivíduo podem fornecer ao pesquisador o modo como este se relaciona com a sociedade e o grupo ao qual faz parte, sendo estes relatos descrições de práticas sociais.

Para a obtenção dos dados foi empregada como técnicas: entrevistas semiestruturadas, com o objetivo de tornar menos formal a relação pesquisadora/informante, deixando espaço aberto para relatos que um simples roteiro poderia deixar escapar. Além disso, procura-se interação com estudante informante não se sinta coagido em responder perguntas fechadas e prontas e tenha mais confiança ao estabelecer o diálogo.

Estas entrevistas foram executadas nos horários disponibilizados pela professora Rosiene, titular da disciplina de Sociologia. Tiveram início na sexta-feira, dia 1º de abril de 2016 primeiro horário da turma 302, devido ao fato da professora ter faltado por motivos pessoais. Antes deste momento já havia lhes explicado o porquê do meu retorno à escola e da possibilidade de entrevistá-los. Assim, quando os perguntei quem gostaria de participar das entrevistas alguns prontamente levantaram as mãos. Devido ao tempo, foram realizadas seis entrevistas, todas devidamente gravadas, com autorização dos participantes, para que a conversa fosse apreendida por completo.

No dia 13 de abril, uma quarta-feira, pude realizar mais seis entrevistas na turma 301, também primeiro horário. Neste segundo dia, os estudantes foram selecionados pela própria professora, uma vez que esta fazia prova de recuperação para completar a nota dos mesmos. Ela escolheu três mulheres e três homens para serem entrevistados. Ao todo foram 12 entrevistados. Dentre os quais 7 do gênero feminino e 4 masculino. No entanto, a entrevista de um dos rapazes foi danificada pela ferramenta de gravação, ficando comprometida pela incompletude.

O enfoque foi dado aos estudantes do terceiro ano, devido ao fato de que estes estão finalizando a última etapa do Ensino Básico e espera-se que os mesmos prestem vestibular ou estejam inseridos no processo de escolha profissional. Os estudantes que entrevistei e irei me referir nas análises foram representados por nomes fictícios a fim de deixá-los no anonimato.

Os eixos de análise deste trabalho foram estruturados de forma que, a *Introdução* pudesse representar o primeiro capítulo, onde apresento a análise da categoria adolescente, uma vez que os estudantes entrevistados encaixam-se na faixa etária estabelecida pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. Além de descrever as razões da escolha deste objeto, a delimitação do campo empírico e do universo da amostra, assim como a metodologia utilizada para a realização desta monografia.

No segundo capítulo, *Profissão como objeto de estudo sociológico*, discorro sobre a construção de algumas categorias utilizadas no “mundo do trabalho”, assim como utilizo das análises da Sociologia do Trabalho e das Profissões para fundamentar o tema avaliado. Quando buscamos, nos mais diversos dicionários, significados das palavras que estamos estudando, caímos na armadilha de uni-las em uma grande caixa de generalizações. Ao propor analisar, através da perspectiva sociológica, a categoria profissão observei a relação desta com os supostos sinônimos: trabalho, ofício, ocupação e emprego.

Ao caso destas categorias citadas, se utilizarmos a técnica da “imaginação sociológica” apresentada por Wright Mills (2009) observaremos que esta nos permitiu sairmos de nossa zona de conforto, ao confortarmos o que tínhamos como algo pronto e acabado, como simples expressões do senso comum.

Reitero que o estímulo da imaginação sociológica estimula, por vezes, os *insights* surgem de uma pretensão ou de um pensamento desinteressado sobre o objeto que se deseja estudar. O próprio ímpeto de pesquisar o problema aqui abordado tornou-se um desafio. Como a maior parcela de análises e interpretações sobre o tema é da área da Psicologia, não desconsiderando sua importância e relevância sobre o assunto, busquei dar outro olhar para o estudo das escolhas profissionais. Talvez o mais desafiante tenha sido utilizar as análises da Sociologia das Profissões, uma disciplina razoavelmente nova a nível nacional, mas que vem ganhando espaço nas discussões acadêmicas.

Visto pela ótica das Ciências Sociais, o conceito de profissão apresenta-se como uma construção social decorrente das alterações e fatores sociais a quais está condicionado. Sua pluralidade de abordagens demonstra que não há uma definição completa, mas uma gama de composições teóricas que surgiram a partir do século passado. As duas principais correntes que fundamentam as análises da Sociologia das Profissões foram: a funcionalista, dando o ponto inicial nos estudos sobre questões relativas às profissões na sociedade moderna; e a corrente interacionista, reforçando a importância das pesquisas qualitativas para se compreender as necessidades de um grupo profissional em ser reconhecido como tal.

Assim, os estudos sobre o fenômeno profissão, descrevem este como produto de um processo social, construído historicamente, marcado por um espaço heterogêneo que permita ainda a formação de perfis identitários.

Nesse sentido, as identidades adotadas pelos indivíduos são construídas num processo simbólico, carregado de sentidos e significações que as levaram a se estabelecerem como tal. A questão das profissões e a busca por identidade, neste caso, identidade profissional, esteve presente em diversos estudos sociológicos desde o período industrial, tendo sua importância atrelada à sociedade e sua relação com os indivíduos.

Dubar (2005) assegura que a dimensão profissional das identidades passou a adquirir importância devido às transformações sofridas nos últimos anos, fez este termo ganhar novas análises dentro das Ciências Sociais. Segundo o autor, falar em “crise das identidades” pode ser remetido a fenômenos como: “dificuldades de inserção profissional dos jovens, aumento da exclusão social, mal-estar face às mudanças, desagregação das categorias que servem para se definir e para definir os outros”. A identidade, para o autor, não é algo inata, mas uma construção que começa da infância e pode ser reconstruída ao longo da vida. Por ser produto da socialização do indivíduo com os demais a sua volta, a identidade não é construída sozinha.

No ambiente escolar, por exemplo, os estudantes são condicionados a ganharem tais identidades de acordo como a sociedade o distingue. Em uma sociedade dividida em classes, os instrumentos básicos indispensáveis ao êxito na comunicação, são desta forma, distribuídos desigualmente entre as crianças das

diferentes classes sociais, as quais são atribuídas identidades a partir da sua posição.

Para compor o terceiro capítulo intitulado de *Escolhas Profissionais*, tem-se a discussão a respeito do processo de escolhas dos estudantes. Neste capítulo destacamos o papel da escola e, concomitantemente do Ensino Médio nessa trajetória de escolhas. Em seguida apresentam-se os três fatores que contribuíram para as escolhas profissionais dos adolescentes, identificados em seus relatos. São eles, os “dons” e/ou gostos, influências familiares e as vivências e experiências.

Este capítulo é encerrado com o tópico sobre a construção das identidades, a partir das escolhas desses estudantes. Nele descreve-se a relação existente entre a decisão profissional e a identificação com uma determinada carreira.

Ressalvo que as escolhas dos adolescentes que participaram das entrevistas ainda estão em curso, visto que os mesmos ainda não concluíram o Ensino Médio, assim como ainda não se inscreveram em vestibular, nem atuam como profissionais das áreas que destacaram em seus relatos. Portanto, estas escolhas encontram-se em processo, podendo ser alteradas.

Por último é tecida as *Considerações Finais*, onde há a descrição de forma sucinta, dos resultados obtidos nesta pesquisa. Reforçando que as análises do objeto em questão não estão fechadas, podendo apontar para novos estudos. Sendo assim, a pretensão não é esgotar o tema proposto, mas gerar reflexões futuras a este respeito e formular novos questionamentos, possíveis discussões e diálogos não só no meio acadêmico, como em seus entornos.

2 PROFISSÃO COMO OBJETO DE ESTUDO SOCIOLÓGICO

Para compreender a construção da categoria profissão há a necessidade de se analisar a composição de outras categorias que a antecederam e a ela estão vinculadas. Tendo em vista a corriqueira associação que os dicionários de Língua Portuguesa fazem ao tratar tais categorias como sinônimas, assim como se observa nas discussões cotidianas, tornou-se importante analisá-las sob a ótica das Ciências Sociais.

Todo o processo de construção das profissões, como objeto de estudo sociológico, não ocorreu de forma mecânica. Poderá se perceber no decorrer das próximas páginas que, a utilização de tais categorias estiveram e estão relacionadas com mudanças de acordo com o contexto a qual determinada sociedade está imersa.

2.1 A construção histórico-social das categorias ofício e trabalho

Na Sociologia do Trabalho, os termos ofício, ocupação e trabalho são relacionados por serem construções históricas das atividades socioeconômicas e políticas desenvolvidas pelos indivíduos. Não irei aprofundar tais categorias, devido este não ser o objetivo principal desta monografia. No entanto, proponho-me a fazer um breve histórico introdutório de como estas categorias se constituíram, no contexto do fenômeno estudado.

Discorrerei, inicialmente, sobre as modificações ocorridas com a utilização da categoria ofício e, como esta foi perdendo sentido, com o passar dos anos. Uma das características, por exemplo, foi a instauração do trabalho assalariado. Essa discussão inicial possibilitará elencar, posteriormente, as categorias ocupação e profissão assim como a relação entre estas, a fim de compreendermos esse processo.

As atividades de ofício eram consideradas uma das primeiras formas de organização associativa relacionada à produção. Os ofícios eram determinados pelos interesses dos mestres que detinham o monopólio dos conhecimentos das funções que executavam, repassando-os para pequenos artesãos e demais aprendizes, em seu pequeno galpão ou oficina.

Os mestres formavam pequenas corporações de ofícios que, tiveram suas origens por volta dos séculos XI e XII, devido este ter sido um período “característico de uma verdadeira revolução comercial, relacionada a diversos fatores, tais como: o fim das invasões, a retomada do comércio e o crescimento econômico, como efeito da diminuição da periculosidade das rotas terrestres e do surto demográfico” (MARTINS, 2007). Em detrimento desses fatores, esse período ficou conhecido também, como mercantilista marcado pelo fortalecimento do comércio em decorrência do crescimento urbano e comercial da Europa. Visando expandir seu poderio econômico e político, o intuito da união absolutismo/mercantilismo era a

acumulação e estoque de metais preciosos, por meio da exploração das colônias que, garantiam o enriquecimento das metrópoles.

As regras e medidas econômicas que conduziam esse sistema eram fiscalizadas pela intervenção do Estado que, por sua vez pretendia suprir as necessidades da população sem comprar produtos de outros países. Tais práticas favoreceram grupos sociais ligados às atividades comerciais e manufatureiros, a chamada burguesia comercial. Após séculos funcionando sobre as mesmas características, o Estado foi perdendo autonomia, uma vez questionado pelos liberais sobre a forte interferência na economia.

As alterações trazidas por esse processo, como a expansão das rotas marítimas, criaram condições para a edificação das indústrias e seu funcionamento, configurando uma nova fase do capitalismo que estava se constituindo. As riquezas acumuladas passaram a servir, não mais para pagar os artesãos independentes, mas para contratar força de trabalho e adquirir os meios de produção. Devido às transformações sociais ocorridas nos séculos seguintes, novas concepções de trabalho passaram a predominar.

Nesse sentido, no contexto da Europa do século XVIII, as práticas executadas pelos mestres de ofício foram se enfraquecendo, assim “o artesão era paulatinamente substituído pelo operário, que não necessitava mais ter instrução para o ofício ou vínculo formativo ideológico e racional” (MARTINS, 2007).

Por essas razões, o “mundo do trabalho” passou a ser ajustado pela construção de novos sistemas de produção, como é o caso dos avanços no meio industrial e, demais mudanças econômicas, como a valorização do tempo de produção, visando-se maior produtividade num espaço de tempo menor.

Mas, não há como negar que a categoria trabalho foi a que mais sofreu modificações com o decorrer do tempo. Desde a existência humana os indivíduos praticam atividades laborativas, visando suprir suas necessidades vitais, transformando assim o espaço em que vivem. De acordo com a época e o local, puderam modificar, por meio de suas atividades de trabalho e da criação de novas práticas culturais, sua realidade natural e social.

Na Roma Antiga, trabalho estava associado à servidão e à escravização, conotado como algo ruim. Nas escrituras do Antigo Testamento era visto como punição aos pecados. Com a tradição cristã da Reforma Protestante, o trabalho passa a ser visto como forma de salvação e de exercício da vontade divina. Em fins

da Idade Média o trabalho passa, portanto, a ser considerado de forma positiva, associado à ação criadora dos indivíduos em sua relação com a natureza.

Em razão da consolidação do capitalismo, foram percebidas modificações nos mais diversos eixos da sociedade, no contexto das revoluções agrícola e industrial. O trabalho se reconfigurou, passando a ser desempenhado pelos empregados assalariados, ou seja, os indivíduos recebiam certa quantia pelo trabalho executado de acordo com o que era estabelecido pelos donos dos meios de produção.

A opção pela análise da categoria trabalho, como objeto de estudo sociológico, nesse período tornou-se preocupação presente nos escritos de autores importantes da área das Ciências Sociais. Embora discorram através de métodos e explicações diferentes, cada um em sua época, buscou avaliar os fenômenos por trás desta categoria, especialmente entre os ditos clássicos da Sociologia.

O trabalho tornou-se, tanto para Durkheim (1995), Marx (1985/1998) e Weber (2004), uma questão primordial nos seus estudos, devido às questões que o envolviam, como as mudanças geradas através dele, principalmente no ambiente em que se instalava o capitalismo.

Partindo da concepção de que o trabalho é um fato social, Durkheim (1995) acreditava que este estava presente em todos os tipos de sociedade. O que o diferenciaria seria o maior ou menor grau de divisão do trabalho. Segundo a teoria *durkheimiana*, cada indivíduo desempenha uma função social, dividindo-os em grupos funcionais com condutas sociais distintas. Assim, o trabalho dentro do contexto capitalista é analisado como uma atividade funcional, cabendo a cada grupo desempenhar sua função, compondo o todo social e promovendo a coesão e manutenção da sociedade.

Na perspectiva de Max Weber (2004) não há como generalizar o trabalho como algo existente em todas as distintas sociedades, visto que cada uma sofreu situações históricas exclusivas. No sistema capitalista, ao qual o autor se debruça em analisar, o trabalho teria adquirido uma importância específica de acordo com as condições às quais fora se estabelecendo.

O trabalho para Weber estava no centro, entre a relação do “espírito” capitalista e a ética protestante. Esta ética religiosa e o espírito empreendedor contribuíram para a construção histórica do capitalismo. Pautado na conduta

disciplinar da religião, o indivíduo trabalhava arduamente para alcançar não apenas o reconhecimento de Deus, mas riqueza material, como comprovação do seu êxito.

Segundo Marx (1985), o trabalho era visto como toda atividade exercida pelo indivíduo, sendo que este se utiliza de meios para transformar a natureza. Assim, o trabalho revela-se como o modo pelo qual os seres humanos se relacionam com o meio em que vivem e a forma como encaram o processo produtivo que sustenta suas vidas.

Para a teoria marxista, as relações que permeiam o trabalho assalariado demonstram a manifestação histórica de como o sistema capitalista se organizou como um sistema social. Através da exploração do trabalho assalariado, o capitalismo se configura e reconfigura. Esta atividade é, segundo a mesma teoria, o centro deste sistema que, perpetua as relações sociais entre capitalistas e trabalhadores e a consequente exploração e dominação destes primeiros em relação aos últimos.

No período que antecedeu essas mudanças de reestruturação do trabalho, lembrando os mestres de ofício e artesãos, o indivíduo poderia se apropriar do seu produto por conhecê-lo e ser o dono dos meios de produção.

Foi o moderno sistema capitalista que, separando os empregadores e empregados nos processos de manufatura e diferenciando cada vez mais suas funções, suprimiu a atmosfera de intimidade que reinava entre uns e outros e estimulou os antagonismos de classe (HOLANDA, 2012, p. 142).

Se nas antigas corporações a relação humana entre os mestres e seus aprendizes representava uma partilha das mesmas privações e confortos, como assinala Sérgio Buarque de Holanda (2012), no regime capitalista o empregado não passa de um número frente a seu empregador, fazendo com que a relação antes existente desapareça.

Dividida em classes sociais, a sociedade capitalista analisada por Marx (1985), acaba por reforçar a divisão do trabalho, além de ser a origem das desigualdades sociais. Por meio desta divisão há a existência dos que detêm o poder sobre os meios de produção (capitalistas) e, aqueles que vendem sua força de trabalho em troca de um salário (os trabalhadores).

Aos moldes do *taylorismo/fordismo* que, visavam à maximização e racionalização extrema da produção e do lucro, o mundo do trabalho deparou-se com mudanças em sua forma organizativa fazendo com que o trabalhador não se reconhecesse mais no que produzia. Seu trabalho passava as mãos do capitalista,

na forma de propriedade privada. Nesse contexto, o operário venderia seu trabalho, recebendo apenas pela força que desempenhasse para produzi-lo. Por essas razões que Marx analisava as dimensões de *alienação* e *mais-valia*, embutidas nesse processo.

Estas duas categorias utilizadas por Marx (1998), servem de eixo de explicação da forma como o trabalho estava moldando as relações sociais e a condição do trabalhador. Segundo essa linha de raciocínio, o trabalho produz mercadorias e converte o próprio operário em uma. Assim, esta atividade gera alienação, uma vez que o operário é vinculado ao produto do seu trabalho que, por sua vez é estranho a ele.

Dos modelos de maior destaque, onde se pode compreender essas categorias empregadas pela teoria marxista, destaca-se o proposto pelo jovem estudante de engenharia mecânica Frederick Winslow Taylor. No início do século XX, este criou uma estratégia para melhor utilizar o tempo dentro de uma fábrica ao fragmentar as atividades de produção.

Na concepção *taylorista*, o operário deveria desempenhar sua função em um espaço menor de tempo possível, sem necessidade de ter conhecimento de todo o processo produtivo, como se observou entre os mestres de ofício. Uma de suas estratégias era dividir as tarefas entre os operários, aperfeiçoando o processo técnico, cabendo apenas ao gerente conhecer as atividades executadas e fiscalização do tempo. Este é um dos exemplos mais característicos de alienação, também observada em outros modelos que passaram a compor esse processo de acumulação capitalista.

Nos anos 30, o empreendedor americano Henry Ford, desenvolveu o modelo denominado *fordismo*. Inspirado e pautado nos objetivos semelhantes ao *taylorismo*, como a ampliação da produção. Sua inovação foi introduzir ao sistema de produção uma linha de montagem, com a customização e padronização de carros em série. Os operários deveriam seguir os ritmos ditados pelas máquinas. Cada indivíduo ficava responsável por uma única tarefa, durante toda sua jornada de trabalho, não conhecendo o processo como um todo. Ambos os sistemas foram criticados na época por gerarem alienação física e psicológica dos operários.

Ao entregar nas mãos do capitalista (dono dos meios de produção) a sua força de trabalho, o operário, como é o caso dos que trabalhavam nas fábricas automobilísticas de modelo fordista, trocava esta por uma jornada exaustiva de

trabalho. O salário que recebia era pago pela produção de mercadorias apenas da metade de sua jornada de trabalho, a outra metade estava reservada à mais-valia. Em outras palavras, o operário trabalhava metade do turno para garantir seu salário, e a outra metade para produzir lucro para o capitalista.

Distinto dos modelos anteriores o *toyotismo* ou *pós-fordismo*, idealizado pelo engenheiro Taiichi Ohno, baseava-se na premissa de redução dos custos de produção. A produção em massa ocasionou prejuízos aos modelos *taylorista/fordista*, devido a estocagem de mercadorias, assim o objetivo *toyotista* era eliminar os desperdícios e superar os antigos padrões.

Este sistema organizativo surgiu no Japão, em meados da década de 1960, na fábrica da Toyota. A qualificação dos trabalhadores estava dentre as suas principais práticas, fornecendo a estes competências para exercer qualquer função dentro do processo, uma vez que o conheciam em sua totalidade. As características mais evidentes desse modelo eram o compromisso dos trabalhadores com o trabalho em equipe, o fortalecimento das habilidades individuais, a flexibilização e a redução dos custos, diferente do taylorismo e do fordismo cujo trabalho era fragmentado. No entanto, torna-se necessário destacar que, “mesmo com as novas técnicas de gestão sistematizadas na Toyota, os trabalhos parcelados e repetitivos continuaram coexistindo com os de caráter multifuncional e pluriespecializado” (BATISTA, 2006, p.11).

Os ideais de qualificação modificaram a esfera das atividades desempenhadas pelos trabalhadores assalariados. De acordo com Ricardo Antunes (1995), a retração do binômio taylorismo/fordismo e demais mutações no mundo do trabalho afetaram a classe trabalhadora. Embora sua tese defenda o não desaparecimento da mesma, acredita que esta não pode ser comparada com a existente em séculos passados.

Por trazer uma análise contemporânea sobre o fenômeno estudado, Antunes apresenta os efeitos da mundialização no processo que envolve o trabalho e os trabalhadores. Como características dessa relação o autor aponta: heterogeneidade, fragmentação e complexificação.

Outro aspecto atribuído por Antunes e Alves (2004) foi a crescente expansão do trabalho no chamado “Terceiro Setor”. A privatização e terceirização do trabalho, embora incapaz de abarcar os inúmeros indivíduos em situação de

desemprego, foi visto pelos autores como alternativa compensatória do desemprego estrutural, desempenhando um papel funcional no mercado.

Os trabalhadores herdeiros da “cultura fordismo/taylorismo”, deram lugar aos trabalhadores multifuncionais do modelo toyotista. Mesmo com as mudanças ocorridas nesse entorno, a alienação desse processo produtivo continuou:

[...] ainda mais profunda e interiorizada a condição do estranhamento presente na subjetividade operária e dissemina novas objetivações fetichizadas que se impõem à classe-que-vive-do-trabalho. Um exemplo forte é dado pela necessidade crescente de qualificar-se melhor e preparar-se mais para conseguir trabalho (ALVES, ANTUNES, 2004, p.347).

A trajetória das ocupações ilustra bem as análises de Antunes. Sobre a lógica do capital, a busca por espaço no mercado de trabalho fez com que algumas ocupações almejassem sair da margem das hierarquias do mercado de trabalho. Visavam status de profissionalização e autonomia para operarem dentro do sistema produtivo.

No entanto, mesmo que a trajetória das ocupações que se tornaram profissões seja vista como algo mais ou menos padronizado, sabe-se que esta foi composta por sucessivos momentos, como observaremos à frente.

2.2 O olhar sociológico sobre ocupação e profissão

A Sociologia das Profissões constituiu-se como uma disciplina especial, à medida que os estudos nessa área embasaram outros patamares dentro da produção do conhecimento nas Ciências Sociais, estando vinculada teoricamente por análises das mais distintas concepções sobre os processos de profissionalização, tendo como objetivo:

[...] identificar como objeto de estudo o processo histórico de migração das ocupações para as profissões formalmente reconhecidas, regidas por códigos e estatutos de conduta, com necessidade de licenças exigidas pelos profissionais já estabelecidos, com a chancela do Estado (OLIVEIRA, SANTOS, 2013).

Os estudos sobre a história dos grupos ocupacionais realizados na Inglaterra, no começo da década de 1930 foram iniciados por Carr-Saunders e Wilson (com a obra *The Professions*, publicada em 1933) que, pretendiam classificar tais grupos como profissões. Os critérios que utilizavam para essa classificação eram de que estes grupos deveriam representar um corpo organizado, com normas

e condutas a serem seguidos, dominando certo conhecimento baseado num sistema de ensino e treinamento, com seleção prévia efetuada por meio de exames.

Essa definição permaneceu por muitos anos nos debates da Sociologia das Profissões, com enfoque na questão do poder que os grupos classificados como profissões monopolizavam e queriam preservar. De forma inicial, esta mesma definição de profissão representava a ideologia elitista² e a forma como a sociedade da época se estruturava, e por isso teve sua definição alterada ao acompanhar as mudanças na conjuntura social.

Em detrimento dessas análises, as profissões foram relacionadas com a expansão do sistema escolar na Europa, alegando que a insatisfação de certos grupos excluídos do mercado de trabalho, gerou uma procura maior pela inserção dos indivíduos em uma instituição de ensino que os qualificassem a exercer determinadas profissões.

Nos Estados Unidos, sob as análises de Parsons nos anos 30, as profissões passam a ser “concebidas como o reinado da preocupação com a qualidade do serviço prestado ao cliente, com a autoridade adquirida com base no conhecimento” (BONELLI, 1993).

Devido às alterações sofridas durante a década de 60, o impacto de novos conhecimentos, as profissões antes ligadas à relação profissional/cliente, cedem lugar à concepção de profissões como formas de controle de poder.

Como anteriormente citado, a análise sociológica das profissões e ocupações teve maior destaque nos anos trinta do século passado, mais precisamente em 1933 e visava reconstruir quadros metodológicos sobre o fenômeno profissional. Pode-se atribuir aos sociólogos anglo-americanos, a condição de pioneiros nesses estudos, todavia há de se destacar o interesse crescente nas últimas décadas por parte dos sociólogos europeus.

Para compreendermos melhor o processo estudado há a necessidade de destacar, de forma mais geral, a construção das categorias ocupação e profissão, observando a trajetória percorrida por estas. Assim como a contextualização do conceito de profissão, numa abordagem histórica e social que, o diferenciou do

² A ideologia Elitista ou Teoria das Elites teve seus primeiros passos em fins do século XIX, com as ideias de dois italianos, sendo que um destes era Gaetano Mosca, com sua doutrina da classe política. No entanto, são as análises de Pareto que ganharam importância dentro dessa perspectiva. Segundo este, a elite pode ser caracterizada através de habilidades natas e intrínsecas de cada indivíduo, atribuindo a um dado grupo destaque e os diferenciando dos demais (GRYNSZPAN, 1999).

conceito de ocupação. Posteriormente observaremos este processo, através das principais perspectivas da Sociologia das Profissões.

Dentre as demais categorias que são utilizadas para caracterizar as atividades executadas pelos indivíduos, veio à tona ainda a noção de emprego. No entanto, esta categoria aparecerá apenas como forma de anular as generalizações a que essas palavras estão sujeitas, ao passo que são retratadas como sinônimos.

Embora esteja associada a trabalho, a noção de emprego é bem mais recente, e seu conceito passou a ser utilizado com a consolidação do sistema capitalista. Os diversos acontecimentos que acompanharam o contexto da Revolução Industrial fizeram com que a noção de emprego ganhasse repercussão social.

Essa categoria passou a ser conceituada como uma relação existente entre a empresa e o trabalhador assalariado. Ou seja, o indivíduo passa a vender sua força de trabalho em troca de uma remuneração. O emprego constituía-se como um contrato entre o empregador e o empregado, sendo seu grande diferencial a formalização de um pagamento mensal, distanciando-se das mais diversas ocupações desempenhadas pelos indivíduos.

O Código Brasileiro de Ocupações- CBO, documento normalizador que reconhece, nomeia e codifica os títulos e conteúdos das ocupações do chamado mercado de trabalho brasileiro, foi elaborado em 1997 e vigora sobre as bases legais das Portarias nº 3.654, de 24/11/1977, nº 1.334, de 21/12/1994 e nº. 397, de 09/10/2002 do Ministério do Trabalho e Emprego.

O mesmo código estabelece que, emprego ou qualquer situação de trabalho é, “um conjunto de atividades desempenhadas por uma pessoa, com ou sem vínculo empregatício” (CBO, 2010).

Segundo este mesmo documento, o termo ocupação é reconhecido como:

[...] um conceito sintético não natural, artificialmente construído pelos analistas ocupacionais. O que existe no mundo concreto são as atividades exercidas pelo cidadão em um emprego ou outro tipo de relação de trabalho (autônomo, por exemplo). Ocupação é a agregação de empregos ou situações de trabalho similares quanto às atividades realizadas (CBO, 2010).

De acordo com a professora de Sociologia e também pesquisadora da Universidade de São Paulo - USP, Marli Diniz (2001) no Brasil, o crescimento do

número de ocupações que passaram a demandar um nível maior de instrução, tem haver com a expansão e diversificação da estrutura ocupacional, desde meados dos anos 50. Além do surgimento de novas profissões, aquelas já consideradas "tradicionais", como o Direito e a Medicina se fragmentaram devido à constituição de novas especializações, ganhando o patamar de profissional polivalente.

No caso das ocupações, dos aspectos que caracterizavam sua expansão e diversificação dentro desta conjuntura, foi o crescimento do número de ocupações que requereriam o nível superior de educação. "Por trás desta explosão está a expansão vertiginosa do sistema de ensino superior, principalmente a partir da Reforma Universitária de 1968" (DINIZ, 2001, p.13).

Devido aos ideais de qualificação que, algumas das chamadas ocupações puderam ser reconhecidas oficialmente como uma profissão, por deterem um conhecimento especializado adquirido por meio de uma formação. "As profissões, enquanto ocupações reconhecidas oficialmente, se distinguem em virtude de sua posição relativamente elevada nas classificações da força de trabalho" (FREIDSON, 1996).

O conceito de profissão apresenta-se como uma construção social decorrente das alterações e condições socioeconômicas, políticas e culturais as quais está condicionado.

Por seu caráter multifacetado, a profissão descreve um processo social heterogêneo de construção de perfis identitários. Sua utilização serve ainda para identificar determinado grupo especializado, legitimado pela sociedade e digno de confiança pública. Portanto, carrega uma noção de autoridade cultural e social, obtendo por meio de seus serviços, prestígio, poder e estatuto econômico.

Conforme Freidson (1996), "profissão" é definida como "um tipo específico de trabalho especializado". No entanto, levanta dentre outras, questões primordiais, como: "*que tipo de trabalho? Qual o seu lugar no universo do trabalho?*". Sublinha as profissões como tipos ideais de ocupações nas modernas classificações oficiais.

Tendo a pretensão de construir uma teoria do profissionalismo, segundo a qual é apontada como um tipo ideal aos moldes da linha *neoweberianas*, Freidson (1996) relaciona este campo à Sociologia do Trabalho e a Sociologia do Conhecimento. Levanta ainda a questão de que não há como estudar sobre trabalho e profissão sem falar de ocupações. Principalmente aquelas não reconhecidas pela economia formal, embora tenham tido, em sua maioria, origens no mercado informal.

Traçando a distinção entre as profissões e ofícios, Freidson (1996) destaca o posicionamento que cada uma possui nas classificações da força de trabalho. As profissões como um tipo de ocupação, se encontrariam em um patamar mais elevado em virtude de sua posição. O autor acrescenta que o trabalho das profissões e o trabalho dos ofícios não devem ser mais relacionados com a antiga distinção entre trabalho manual e trabalho mental, uma vez que, o que os distinguiria seriam os tipos de conhecimentos e qualificações que se empregariam no exercício do julgamento.

Conforme o autor em questão, o trabalho das profissões tem base na formação de conceitos e teorias abstratas, em outras palavras, necessita de uma formação mais prolongada através de estudos que possibilitem não apenas atuar na prática, mas elaborar transformações dentro de sua função devido aos conhecimentos que pode produzir. O trabalho dos ofícios, por sua vez, baseia-se na experiência e no treinamento que emprega conhecimentos práticos, em curto prazo, voltados para o exercício mais objetivo da sua função.

Freidson (1996) sugere que, as distintas ocupações e empregos, assim como as especialidades e hierarquias que estas possam gerar, tendem a variar sistematicamente com o tempo, mesmo que em longo prazo, possuindo uma identidade pessoal e pública distinta.

Como visto nos tópicos anteriores, a reestruturação do sistema capitalista e as metamorfoses sofridas no “mundo do trabalho”, condicionaram mudanças, não apenas em nível de economia, mas em outros ramos da sociedade aqui analisada. Se antes as profissões eram vistas, por alguns dos autores estudados, como uma atividade especializada que demandava uma instrução escolar, sabe-se que atualmente essa afirmação também vem sendo modificada.

No Brasil, nem todas as ocupações são consideradas como profissão. A diferença entre estas está na legitimação formal, que nem todas possuem. No entanto, é válido ressaltar que, há profissões no país, que foram legalizadas como tal sem necessariamente terem envolvido um grau maior de instrução. Em outras palavras, existem ocupações que foram reconhecidas pelo Estado como profissão, mas não envolvem uma formação educacional técnica ou superior para serem exercidas por seus membros.

Dentre os exemplos que podem ser citados, estão as profissões de trabalhador rural, pescador, vaqueiro, empregada doméstica, etc. Ambas possuem

uma legislação própria, assegurando-lhes direitos e deveres dentro do mercado de trabalho formal.

A própria utilização das categorias que se está operando, oscilou em detrimento de uma sociedade particular e, de acordo com o contexto. Embora se tenha abordado as trajetórias percorridas pelas categorias ofício, trabalho, emprego, ocupação e profissão, não se pode afirmar que uma tenha surgido substituindo-a. Mas, pode-se destacar que essas mesmas categorias estão imbricadas, haja vista as mudanças já relatadas. No entanto, o que se percebe nos textos oficiais como a própria legislação que asseguram direitos e deveres às profissões, relacionam as categorias que estudamos como sendo sinônimos.

Mesmo tendo perdido sentido no período em que se instaurava o trabalho assalariado, conforme dito em tópicos anteriores, a utilização da categoria ofício, a título de exemplo, nunca esteve tão em voga como nos dias atuais. Esta situação nos mostra que as categorias podem se reconfigurar, recebendo novos sentidos e ampliando os instrumentos de sua prática.

Caracterizada como um conjunto de tarefas desempenhadas por membros da mesma ocupação ou titulares do mesmo ofício, a profissão é uma especialização intrinsecamente relativa, também mutável, como expôs Freidson (1996).

Ainda assim, devido a categoria profissão fazer parte do objeto de estudo aqui abordado, há a necessidade de dar-lhe uma atenção especial as elaborações teóricas construídas pelas Ciências Sociais, para compreendermos o fenômeno em questão.

Conforme Martins (2015), profissão não pode ser associada a qualquer prática laborativa, mas percebida como um tipo especial de atividade com um status próprio e diferenciado. A partir das análises da Sociologia das Profissões, relatada no ponto anterior, percebem-se algumas definições atribuídas ao termo profissão, vinculadas às correntes que serão trabalhadas posteriormente, que compõem este campo de estudos.

Como mecanismos associados à prestação de serviços e à produção de um agente especializado, as profissões são vistas por Martins (2015), como um objeto problemático, apresentando propriedades pouco conexas, tendo uma postura de estrutura de pertencimento e solidariedade, envolvendo dispositivos de disputa de prestígio e poder. Assim, essas estruturas que formam a profissionalização estão

além das fronteiras econômicas. Desta forma, seria complicado determinar e delimitar este campo, uma vez que este se molda na subjetividade dos sujeitos, congregando interesses variados.

Para se compreender o fenômeno em questão é necessário recorrer às origens dessas análises, destacando algumas fases expressas pela Sociologia das Profissões, interligadas às correntes teóricas que a fundamenta. Em um breve histórico desses estudos sociológicos a respeito da problemática das profissões, constata-se duas principais correntes, a funcionalista e a interacionista, além da contribuição de abordagens teóricas que associam profissão ao poder.

2.2.1 Perspectivas da Corrente Funcionalista

O marco fundador da abordagem sociológica das profissões encontra-se, segundo Gonçalves (2007), na obra dos britânicos Carr-Saunders e Wilson. O autor complementa relatando que:

[...] da sua leitura destaca-se, em primeiro lugar, a definição dos atributos particulares às profissões, e não observáveis nas ocupações comuns, que lhe dão um lugar distintivo no seio da sociedade e em segundo, a defesa do profissionalismo, na qualidade de sistema de valores, como fundamental para o funcionamento das sociedades capitalistas (GONÇALVES, 2007, p. 179).

Os anos cinquenta e sessenta representam um período em que a perspectiva funcionalista ganhou ênfase, a partir dos trabalhos da sociologia norte-americana. Nesse contexto, as profissões eram diferenciadas das ocupações. Essas diferenciações estabeleciam-se de acordo com um conjunto de esquemas classificatórios, assim como a posse de conhecimentos específicos, científicos ou técnicos, complexos e especializados que eram obtidos após longa formação universitária. Os exemplos mais significativos são os médicos e advogados, utilizados como tipo ideal de seleção e identificação das ocupações em geral.

Foram as análises funcionalistas que levantaram as primeiras questões sociológicas em torno das profissões na sociedade moderna. “De maneira geral, elas deram ênfase à formação profissional e à constituição dos papéis profissionais como decorrência da modernização inexorável das sociedades, valorizando os profissionais na estrutura social” (DOS SANTOS, 2011, p.25).

Durkheim é acionado pelos representantes dessa corrente, devido a importante contribuição que proporcionou sobre a temática das profissões, vista como um dos principais elementos de sua Sociologia. No contexto francês de sua época, Durkheim (1995) destaca no livro *Da divisão social do trabalho*, as atribuições essenciais à organização integrada da sociedade moderna, aos grupos profissionais. Por meio de suas funções sociais, estes grupos gerariam a coesão social, amenizando a crise econômica.

De acordo com Martins (2015), foi Durkheim, durante sua abordagem sobre as corporações que fez a primeira análise consistente sobre este problema, descrevendo que as “agregações profissionais surgiram como arma contra a anomia generalizada que assolava a vida social”. Deste modo:

Na ótica funcionalista uma ocupação ganha condição de profissão quando alcança uma regulação estatal que instaura formalmente os termos de sua posição social, o que só pode ser feito pela sua consolidação prévia como área técnica e de saber, calcada numa especialização de serviços (MARTINS, 2015).

Considerado por diversos autores como um dos representantes dessa corrente, Parsons *apud* Martins entende as profissões como condição ocupacional elevada e valorizada, cabendo às universidades e centros de formação papel crucial na sua institucionalização. Desde o início do século XX que, as elaborações teóricas norte-americanas a respeito do funcionamento e da história das associações profissionais, geram frutos importantes sobre essa abordagem. No entanto, a partir dos estudos de Parsons que se observa uma análise mais completa sobre a teoria do funcionamento e gênese dos grupos profissionais.

Ainda sobre os esquemas classificatórios, outro elemento teórico dessa abordagem é a “concepção das profissões como instrumento de respostas às necessidades sociais que concorrem para a integração e coesão sociais nas sociedades capitalistas” (GONÇALVES, 2007, p. 179). Sobre a premissa dessa perspectiva, as profissões são reconhecidas de acordo com a demanda de cada sociedade, ou seja, há profissões em determinados países cuja existência não é necessária em outros.

Diniz (2001) descreve que “na terminologia funcionalista uma profissão é um agrupamento de papéis ‘ocupacionais’ que se distinguem por determinados elementos específicos”. Estes mesmos papéis, segundo a autora, estariam integrados ao sistema social mais amplo.

Nesse sentido, o problema central dos funcionalistas estaria em compreender e identificar as funções relacionadas ao desempenho dos papéis ocupacionais e os valores associados a estes, assim como a integração ao sistema valorativo da sociedade. Toda essa preocupação gerou, dentro dessa perspectiva, uma tradição específica de pesquisas, exatamente para identificar os atributos que definem toda e qualquer profissão.

2.2.2 Perspectivas da Corrente Interacionista

A corrente interacionista, por sua vez, proveniente da Escola de Chicago³ também influenciou a Sociologia das Profissões, principalmente para a composição de seus aspectos metodológicos. Os interacionistas visavam interpretar quais as circunstâncias que levariam uma ocupação a tornar-se uma profissão.

Uma das principais distinções entre esta corrente e a anterior era o fato dos funcionalistas deterem seus estudos às profissões de médicos e advogados, enquanto os interacionistas davam destaque para os estudos sobre as ocupações menos privilegiadas. Até meados dos anos setenta do século XX, com a emergência das teses revisionistas, houve o surgimento de críticas às teses funcionalistas. Este movimento revisionista da Sociologia das Profissões pautava sua crítica argumentando, a ausência de cientificismo das pesquisas funcionalistas para com o tipo ideal de profissão; a desvalorização dos contextos sócio-históricos que institucionalizavam as profissões, entre outras análises (GONÇALVES, 2007).

Nesse sentido, a contribuição mais significativa das perspectivas da corrente interacionista foi quanto a:

[...] possibilidade de análise da socialização do profissional, que não está restrita à formação profissional, como nos funcionalistas, mas acontece também na atuação profissional, no mercado de trabalho, sob três olhares: um olhar para o outro (profissional), um olhar para a estrutura (profissional) e um olhar para si mesmo (como profissional) (DOS SANTOS, 2011, p.29).

³ O Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago produziu dentre os anos de 1912 a 1922, inúmeras pesquisas centrando-se nas análises das Sociologias Urbanas e do Imigrante. Também conhecida como Escola de Chicago, suas trajetórias implicaram no desenvolvimento de abordagens de qualificação sobre o sistema ocupacional. Suas designações tiveram êxito dentro do universo do trabalho, sendo a socialização profissional um dos pontos mais importantes (DUBAR, 2005).

Essas teses caracterizavam-se pela desconstrução da primeira perspectiva, através da revisão dos resultados de pesquisas, surgindo ainda discursos antiprofissionais, teses sobre o poder e monopólios profissionais.

Conforme Dos Santos (2011), “o poder das profissões estaria exatamente na capacidade de doar sentido aos que pertencem ao grupo profissional e estabelecer a dominação de um grupo sobre outros e sobre a sociedade”.

De acordo com Eliot Freidson (1996), a profissão estaria vinculada ao poder, sendo que esta se apresentaria como uma unidade integradora e excludente ao mesmo tempo e, o poder como categoria unificadora e dotada de sentidos.

Este teórico explica que, o profissionalismo pode ser definido por meio de circunstâncias típico-ideais que favorecem aqueles indivíduos possuidores de formação e conhecimentos, capaz de favorecê-lo dando-lhe o poder de controlar seu próprio trabalho. Isso acontece, uma vez que, este é apto a criar e recriar o seu discurso, disciplina ou campo aos quais tem jurisdição.

Ao justificar o porquê de se estudar sobre as profissões, alega que o interesse pode ser explicado, pelo fato das profissões e os profissionais terem aumentado quantitativamente, principalmente nos países avançados industrialmente.

O crescimento constante de novas ocupações com formação acadêmica propiciou posições privilegiadas dentro do mercado de trabalho. Para Freidson (1996) uma das maiores dificuldades de teorização desse campo, na prática das Ciências Sociais, encontra-se na ausência de um quadro de referencia teórica, mais amplo e consistente.

Ludson Martins (2015) faz uma breve síntese sobre a teoria das profissões, analisando a questão de sua legitimidade. Para tanto, o autor utiliza-se dos estudos de alguns teóricos da área da Sociologia das Profissões, perpassando pelas correntes funcionalista e interacionista, consideradas como destaque dentro deste campo de pesquisas.

Em relação ao interacionismo simbólico, Martins (2015) destaca como representante Hughes, que encontra nas profissões estruturas de interação, visando a autodefesa e promoção dos atores nelas imersos. Segundo esta corrente, a profissionalização seria como uma dinâmica em que a ocupação adquire habilitação normativa para executar suas funções sociais determinadas.

Martins (2015) acrescenta que, nas análises de Dubar a construção do processo profissional acontece a partir do reconhecimento profissional, visto como uma conquista político-discursiva, além de uma proteção dos grupos mais organizados no mercado de trabalho. Desta forma, reforça-se mais uma vez o que já discutimos linhas acima. As profissões, anteriormente vistas como ocupações, foram ganhando espaço dentro do mercado socioeconômico a partir do momento que se formalizaram, passando a ser legitimadas como tais.

Essa prerrogativa acaba por favorecer certas atividades frente a outras. Neste caso, as próprias profissões, já institucionalizadas, apresentam distinções quanto aos privilégios que apresentam dentro da sociedade. Em algumas situações, devido ao tempo ou local de formação, gerando conflitos econômicos, assim como o aparecimento de monopólios profissionais.

2.3 Identidades profissionais

Trabalhar com identidades dentro deste campo das profissões tornou-se necessário devido à relação percebida entre as escolhas que traçamos e a construção de novas identidades que passamos a adquirir por meio desse processo.

Utilizo da categoria “identidades” no plural, por considerar que os indivíduos, durante sua vida, assumem diversas identidades de acordo com determinadas situações as quais estão condicionados.

As identidades profissionais são moldadas ainda no ambiente escolar, onde determinado grupo pode influenciar nessa construção fazendo com que o indivíduo se adeque aos estilos delimitados, visando ser aceito pelos demais. Sendo assim, essas identidades moldam-se com o tempo, podendo sofrer mudanças a partir da situação em que os indivíduos estão envolvidos.

As identidades estão acopladas aos sentimentos de pertença a determinados grupos sociais e culturais, conforme nos apresenta Zigmunt Bauman (2005). No entanto, o autor sugere que tanto a ideia de identidade como de pertencimento não podem ser encaradas como algo sólido e durável no contexto da situação atual em que estamos vivenciando.

Na “modernidade líquida”, existem dois tipos de “comunidades”, as de vida e as de destino, que são definidas pelas identidades. Para as comunidades,

fundidas por ideias, sejam mantidas faz-se necessário surgir a questão das identidades. Estas acabam por reforçar e manter unida as comunidades expostas e presentes naquilo que o autor em questão denomina de mundo policultural e de diversidades.

“As identidades’ flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas” (BAUMAN, 2005, pág. 19). A identidade é algo inventado, não descoberto. É uma coisa a ser construída ou escolhida entre tantas alternativas, e por isso protegida através de uma luta contínua como alvo de um esforço, um objetivo.

Nesta mesma modernidade líquida que estamos vivendo, não há coerência entre as decisões que estabelecemos, nem mesmo solidez nas mesmas. Para que nossas identidades sejam assumidas e permaneçam acionadas, precisamos reforçá-las a todo o momento, assim que estas são questionadas. Quando o indivíduo não consegue acionar uma identidade que agrada a “comunidade” à qual está inserido ou pretende se inserir, esse indivíduo sente-se excluído, vulnerável, deslocado, visto pelos demais como “estranho”.

Assim, para Bauman (1998), toda sociedade produz estranhos à sua maneira, sendo estes distinguidos dos demais indivíduos quer seja por representações morais, estéticas ou cognitivas. Na sociedade atual, os indivíduos que não se encaixam na ordem estipulada, ou que resistem aos padrões exigidos transgredindo os limites estabelecidos, se convergem em estranhos. Nesse sentido, foram montadas pela modernidade, estratégias para lidar com os estranhos às quais este autor destaca duas, que julga serem alternativas complementares.

A primeira refere-se à assimilação, também descrita como *antropofágica*, cujos estranhos devem ser aniquilados e depois transformados em algo que os descaracterize, tornando assim a diferença semelhante. A segunda, descrita como *antropoêmica*, é a estratégia de exclusão. A ideia era de espargir esses estranhos do convívio com o mundo ordeiro, banindo-os dos limites de quaisquer comunicações com os “de dentro”. É comum estranharmos algo ou alguém desconhecido, onde por vezes são alimentados sentimentos de discriminação, pré-conceito, exclusão, entre outras.

As identidades, na maioria dos casos, se não impostas, são acionadas quando, por algum motivo, há a necessidade de serem reafirmadas na contestação

de direitos, no posicionamento político, tomadas de decisões e demais atributos que fortaleçam um grupo em específico, por exemplo.

Assim, de acordo com o grupo ao qual o indivíduo faz parte, percebe-se que este assume papéis construídos nesse mesmo processo identitário. Uma vez que as pessoas tendem a participar de diversos grupos sociais. No caso da instituição escolar, campo de análise desta pesquisa, compreende-se que esta se configura como local onde os estudantes em construção traçam elementos que irão contribuir para a formação de sua identidade.

Dentro e fora do ambiente escolar, as identidades precisam ser reafirmadas para se legitimarem, e a distinção entre os símbolos de uma coletividade e a outra fundamentam essa fronteira invisível que passa a existir.

Nas análises de Hall (2003) existem três concepções identitárias assumidas pelos sujeitos. A identidade dos indivíduos do período Iluminista, ao qual a identidade estaria baseada na racionalidade, diferente da identidade do sujeito sociológico representado pela interação do “eu” com a sociedade, e a última concepção caberia à nossa discussão, sendo esta a assumida pelo indivíduo pós-moderno, ao passo que a identidade incide a ser fragmentada tornando-se transitória e mutável.

A primeira concepção tem o indivíduo como um ser centrado e unificado, portador de uma identidade imutável. Na segunda concepção o indivíduo é encarado como ser que sofre as consequências de suas relações com os diversos fatores que compõem a complexidade da sociedade moderna. E por fim, na terceira concepção, apresenta-se a ideia de um indivíduo pós-moderno, de identidades fluidas e multifacetadas, proveniente de uma sociedade em constantes transformações, no qual as identidades são construídas não mais pela imposição dos grupos, mas através das escolhas individuais.

Compartilhando do mesmo pensamento, Bauman (2005) considerara que a liquidez vivenciada pelo indivíduo da pós-modernidade, acaba por criar identidades cada vez mais frágeis, frutos das escolhas do meio em que se está inserido.

Dubar (2005) assegura que a dimensão profissional das identidades passou a adquirir importância devido às transformações sofridas nos últimos anos, fez este termo ganhar novas análises dentro das Ciências Sociais. Segundo o autor, falar em “crise das identidades” pode ser remetido a fenômenos como: “dificuldades de inserção profissional dos jovens, aumento da exclusão social, mal-estar face às

mudanças, desagregação das categorias que servem para se definir a si próprio e para definir os outros”. A identidade não é algo inata, mas uma construção que começa da infância e pode ser reconstruída ao longo da vida. Por ser produto da socialização do indivíduo com os demais a sua volta, a identidade não é construída sozinha.

Devido ao fato da identidade profissional ser produto dos mecanismos secundários de socialização do indivíduo, Dubar (2005) apresenta que, sua complexidade é acometida às continuidades e descontinuidades entre as identidades que os indivíduos herdam e as que lhes são atribuídas pelos outros.

Para Hall (2003), essa atribuição de identidades por fatores externos pode caracterizar na distinção entre os indivíduos, assim:

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganha ou perdida. Ela se tornou politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença (HALL, 2003, p.21).

Este mesmo fato pode ser exemplificado se, lembrarmos das distinções entre os diferentes tipos de profissões, dentro da estrutura econômica e social ao qual o mercado de trabalho está envolvido. Assim, compreendemos que há uma hierarquia entre as profissões quanto à autonomia e status que representa para os indivíduos dentro de determinada sociedade.

Nesse sentido, adquirir uma formação chamada de nível superior de educação, pode conferir ao indivíduo, um status antes inexistente. Em outras palavras, uma nova identidade pode lhe ser atribuída devido à forma como este passa a ser visto pelos outros, de acordo com o novo contexto ao qual está inserido.

3 A ESCOLA COMO CAMPO NORTEADOR DE ESCOLHAS PROFISSIONAIS

Todo processo de escolhas envolve uma série de fatores associados às experiências vividas e a relação que se estabelece com o meio social. Durante a vida, os indivíduos são chamados a tomar decisões, não apenas de cunho profissional, mas nas diversas situações de seu cotidiano, como nos grupos que frequenta na escola e demais seguimentos sociais.

A integração do indivíduo na escola possibilita sua inserção em outro campo, onde convive com pessoas diferentes, passando por novas experiências e continuando a construção de outros traços de sua identidade. Não é apenas na família primeiro agente socializador, que essa identidade é moldada. A instituição escolar possui uma parcela de contribuição nesse processo, assim como os demais grupos sociais aos quais fazemos parte durante a vida, uns atribuídos a nós, outros de nossa própria escolha.

Como o enfoque deste trabalho é o adolescente do Ensino Médio, compreender essa relação nos permite analisar os fatores atrelados às escolhas desses estudantes, no processo de construção de uma identidade mediante a busca de uma profissão.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (2013), perceber o adolescente, como sujeito de múltiplas dimensões, com suas próprias especificidades, independente de gênero, etnia/cor, classe social é finalidade do Ensino Médio. Assim como compreender o estudante como produtor de uma cultura em constante transformação, no intuito de superar a noção homogeneizada e naturalizada que é construída a respeito deste. Há de percebê-los como sujeitos de valores, comportamentos, visões de mundo, interesses e necessidades singulares. Mesmo apresentando pontos convergentes que os permitam ser retratados como categoria social.

Nem sempre a escola prioriza as especificidades de cada estudante. Nem mesmo considera relevantes as bagagens trazidas por estes para a construção do conhecimento. A escola que em tese deveria incluir os estudantes, em boa parte dos casos promovem exclusões. Isso se deve ao fato dessa instituição representar um espelho das práticas sociais, ou seja, a escola reproduz e conserva valores sociais, como é o caso das desigualdades.

Como vivemos em uma sociedade em que as classes sociais distinguem-se em relação aos bens e privilégios devido ao sistema de estratificação social, os valores sociais são legitimados nas relações econômicas, como a propriedade, renda monetária e atividade econômica ou profissão. Estes mesmos valores são repassados, também no ambiente escolar, mesmo que os estudantes e suas famílias estejam inseridos nas classes mais favorecidas e de onde surgem algumas práticas socioculturais.

Bourdieu (2007) analisa o papel do sistema de ensino na reprodução da estrutura de distribuição do capital cultural. Informa que o sistema de educação se apropria dos bens culturais. Estes bens, também simbólicos só podem ser apreendidos e possuídos por aqueles que detêm o código que permite decifrá-los. Assim, por mais que um estudante de escola pública seja influenciado pela educação familiar e escolar, nem sempre consegue absorver os conteúdos vistos em sala de aula, devido à distorção com sua realidade pessoal. Nesse sentido, o capital cultural acaba por retornar às mãos do próprio capital cultural, quando é distribuído através dos instrumentos de apropriação dos bens simbólicos.

A estrutura da distribuição de classes como parcela reservada aos consumos culturais corresponde à estrutura de distribuição segundo a hierarquia do capital econômico e do poder. Essas classes ou frações organizam-se de acordo com níveis de instrução que possuem. Por essa razão que os pais incentivam a continuação dos estudos de seus filhos, visando que estes ingressem em um curso de nível superior, acreditando na possibilidade de ascensão social da família.

Como pode ser percebido em linhas acima, embora o sistema de estratificação social em classes distribua de forma desigual a renda, poder e prestígio entre os indivíduos e/ou grupos, torna-se diferente dos sistemas de estamentos e castas sociais, pois apresenta uma possível mobilidade social.

A mobilidade social, por sua vez, é configurada como a passagem de uma situação socioeconômica a outra. E está vinculada a algumas características como, estilo de vida, posição de mercado, escolaridade e, padrões de consumo. Em relação à mobilidade almejada por alguns dos pais dos estudantes entrevistados, destacamos aquela em que só poderá ser alcançada devido ao nível de instrução educacional. Ambos visam, por meio da escolaridade, garantir ascensão social.

O grau de mobilidade social, neste caso é determinado por fatores estruturais e conjunturais. A profissão é percebida como um elemento legitimador da posição social cada vez mais importante. E a educação é o principal instrumento de aquisição de posições profissionais, vindo a ser um elemento básico de mobilidade social.

Estes níveis de instrução que, envolvem a prática cultural relacionada à eficácia no sistema escolar pelos estudantes, são diferenciados de acordo com o acesso dos indivíduos ao mundo das artes. Isso acontece devido à prática de uma pedagogia que exige uma prévia familiarização com a cultura dominante. Por mais

que um estudante com menor nível de instrução consiga ser aprovado em um curso concorrido e de prestígio social, em alguns casos acaba por deparar-se com as contradições entre conteúdo e forma que a profissão de sua escolha apresenta.

A escolha profissional, foco desta monografia, geralmente acontece na fase concluinte do Ensino Médio, momento em que os adolescentes estão passando por processos constantes de transformações físicas, psicológicas e sociais. Em decorrência desses processos é difícil, para a maioria, posicionar-se quanto à profissão que pretende seguir, principalmente quando é constantemente pressionado pela sociedade, familiares e amigos.

Desta forma, deveria ser prática do Ensino Médio considerar o imenso contingente de adolescentes que se diferem por condições de existência e perspectivas de futuro desiguais. Uma vez que o sujeito, desta última etapa do Ensino Básico, é constituído e constituinte da ordem social. Constrói sua identidade para além de uma idade biológica e/ou psicológica.

É difícil para os adolescentes terem que escolher, principalmente numa fase de indecisões, aquilo que poderá implicar em suas aspirações para o futuro. Decidir requer para além de autoconhecimento do que deseja, de suas perspectivas e de suas condições de chegar onde almeja, mas envolve questões coletivas. Talvez, por esse motivo este momento cause tanta inquietação entre os jovens.

Ao se analisar o processo de escolha profissional é necessário ser levado em conta todas às experiências que contribuíram para esse processo. Todos os motivos e expectativas devem ser considerados sem a omissão de determinado fator, uma vez que estes podem influenciar em uma decisão por não serem totalmente neutros. Desta forma, faz-se relevante considerar os fatores sociais, econômicos e culturais para compreendermos tal processo, por parte dos estudantes concluintes do Ensino Médio.

As trajetórias que cada estudante trás consigo, podem nos fornecer elementos para compreendermos sua atuação dentro da escola e quais fatores estão envolvidos no seu processo de escolha. Na perspectiva de Primi (2000), a escolha profissional é encarada, portanto, como:

[...] um processo complexo de decisão. Nesta situação uma pessoa precisa tomar uma decisão a partir de um conjunto de opções disponíveis. É fundamental que ela considere suas características pessoais simultaneamente com as características das opções (PRIMI et al., 2000).

Por essas razões duas adolescentes descreveram ter se identificado com alguma profissão, devido ao que as mesmas descreveram por ser dons pessoais e a facilidade em executar determinada atividade. Neste caso utilizo o termo habilidades, uma vez que visamos compreender esse processo não como algo dado, ou pronto, mas em constantes mudanças e envolvimento em condicionantes do contexto ao qual fazem parte.

Outros fatores também foram verificados, durante as entrevistas com os adolescentes. Dentre estes, destacamos as influências diretas ou veladas sobre os valores dos pais na escolha de determinadas profissões; possibilidade de ascensão social através do status que a profissão oferece; a contribuição das vivências de cada um.

Nos relatos dos adolescentes entrevistados, observou-se uma relação entre os fatores mencionados acima. Algumas histórias apresentam mais de um fator como subsídio da escolha que fizeram. Embora cada relato apresente suas peculiaridades, há casos em que detectamos fatores semelhantes. Nesse sentido, destacamos três fatores que, segundo os estudantes, são determinantes nas escolhas: “dom” e/ou gosto; influências familiares; vivências e experiências.

3.1 “Dom” e/ou Gosto

Neste ponto, utilizo as próprias palavras das estudantes entrevistadas, ao descreverem que suas escolhas profissionais estão ligadas ao “dom” ou gosto como identificação para a execução de determinada atividade. No entanto, durante o texto, atribuirei à categoria “dom” a denominação de habilidade por considerar que estas escolhas, como as por gosto não são algo natural, mas construído.

Todo indivíduo desenvolve, durante a vida, competências que envolvem conhecimentos, aptidões, atitudes e habilidades. As habilidades, neste caso, “se ligam a atributos relacionados não apenas ao saber-conhecer, mas ao saber-fazer, saber-conviver e ao saber-ser [...]” (FELIX, NAVARRO, 2009). Estas, para serem executadas, exigem certos domínios e, podem contribuir para a realização de várias competências.

Os critérios de escolha por gosto, por sua vez, fazem parte de uma seleção que fazemos em detrimento do lugar e da organização social a qual

estamos inseridos. É o que Bourdieu coloca em seu livro *A Distinção* (2011). Assim, o gosto não é inato aos indivíduos, mas constantemente reconstruído. A própria ideia de “gosto” pode ser interpretada como construção e reconstrução sociocultural, daquilo que os indivíduos destacam como de suas preferências.

Dentre as habilidades e gostos alegados pelos estudantes nas entrevistas, averiguou-se a relação que estabeleceram com as escolhas profissionais traçadas por estas.

Ellen tem dezessete anos, considera-se como parda. Nasceu em São Luís, mora em casa própria, com a mãe, três irmãos e uma sobrinha. Sempre estudou em escola pública. Fez o primeiro ano do Ensino Médio na escola Fernando Perdigão, situada no bairro do Monte Castelo. Em 2015 foi transferida para a escola Menino Jesus de Praga e, atualmente cursa o terceiro ano.

A escolha profissional de Ellen está atrelada a uma característica pessoal que alega ter. Sua identificação com o desenho, além da habilidade que adquiriu ao longo dos anos, lhe fez optar pelo curso de Artes Plásticas, como possível curso superior que pretende fazer.

De acordo com esta estudante, sua escolha é “Artes Plásticas, porque eu já tenho o dom de desenhar, desde criança que eu desenho e gosto muito. E todo mundo me incentiva, dizem que eu desenho bem” (ELLEN, 2016).

Segundo Ellen, sua mãe incentiva seus estudos e apoia a escolha da filha, de ingressar em um Curso Superior de Artes Plásticas, pelo fato dos irmãos mais velhos não terem escolarização superior.

A identidade de desenhista a qual Ellen está construindo é fruto de suas escolhas pessoais e do incentivo dos indivíduos de seu círculo de vivência. Como assinalou Bauman (2005), não basta assumir uma identidade, esta precisa ser aceita e gradar a “comunidade”, pois caso contrário, o indivíduo precisará reafirmá-la a todo o momento para não ser isolado pelos demais. No caso de Ellen, além da prática do desenho ser uma habilidade, o sentimento de satisfação é reforçado pelos familiares e amigos que a apoiam.

O fator habilidade atrelado ao processo de escolha profissional, pode ser destacado na história de Gleice. Esta estudante de dezesseis anos nasceu em São Luís, mora com os pais e dois irmãos, em casa própria. Sempre estudou em escola pública e, tem o objetivo de estudar Educação Física, pelo fato desta ser sua disciplina favorita e devido ao gosto pela dança.

“Eu quero fazer Educação Física ou História, porque, como eu falei são as matérias que mais gosto e me identifico. [...] porque eu tenho facilidade de movimentar o corpo e, eu amo dançar, gosto de me exercitar” (GLEICE, 2016). Os pais de Gleice também a apoiaram na escolha profissional, pois acreditaram que a habilidade na dança e o gosto por se exercitar corporalmente, seria uma forma da filha se tornar uma pessoa realizada futuramente.

As escolhas por gosto e/ou habilidade estão interligadas, de algum modo, com os outros fatores que serão discutidos a seguir. As motivações e influências familiares enaltecem as preferências dos adolescentes, devido ao conjunto de elementos que envolvem suas práticas sociais. As vivências, neste caso, representam a aquisição de gostos por meio daquilo que estamos acostumados a executar, relacionados com o que aprendemos a gostar de acordo com o meio ao qual estamos inseridos.

Nos tópicos que seguem, abordar-se-á sobre estes dois fatores: as influências familiares e as vivências, como contribuidores da construção do processo de escolhas que os estudantes entrevistados estão fazendo.

3.2 Influências Familiares

A análise dos dados colhidos por meio de entrevistas aponta para a percepção da influência familiar. Estas influências foram observadas em quase todas as falas dos entrevistados. De forma explícita ou velada, os pais estiveram e, porque não dizer que estão presentes, no momento de decisão profissional dos filhos. Uma parcela significativa dos entrevistados sofreram influências familiares, no entanto é válido ressaltar que nem todas as tentativas foram satisfatórias.

O fator das influências familiares apresenta duas principais razões. Há os que buscam, por meio da educação dos filhos, uma mudança de vida, ou seja, mobilidade social; assim como aqueles que visam a continuação de sua profissão ou retorno de algum investimento empregado.

No âmbito da Sociologia da Educação, descrita por Bourdieu (2007) como a “ciência da reprodução das estruturas entendidas como sistema de relações objetivas capaz de transmitir suas propriedades de relação aos indivíduos aos quais tais propriedades preexistem e aos quais sobrevivem.”, podemos perceber as

relações entre não exatamente a reprodução do capital social e do capital cultural, mas da *reconversão* destes.

No andamento desta análise, há de se ponderar que o capital cultural é percebido como condicionante das práticas sociais e, portanto influente nas escolhas em curso dos estudantes. É válido considerar que, a noção de capital cultural de Bourdieu, não é aqui posta no sentido total ao qual geralmente é empregada pelo autor. Esta categoria está sendo aqui utilizada para explicar não a manutenção da classe dominante, mas para garantir status num grupo que se almeja atingir.

O capital social, por exemplo, é um investimento que se faz ao outro, para garantir algum retorno que se pretende obter. Como o investimento empregado pelos pais de Mariana que, embora não estejam entre as camadas de maior condição monetária, visam de acordo com os bens que possuem investir na educação das filhas. Esta estudante de dezesseis anos, nascida no município de Itapecuru Mirim mudou-se, ainda criança para São Luís, porque os pais queriam dar um futuro melhor para ela e as irmãs.

A propensão ao investimento de recursos e esperanças no sistema escolar em função de uma possível mobilidade social é reforçada pela família, devido ao conhecimento que tem do “jogo a ser jogado”, avaliando as chances efetivas de realização de suas aspirações. Os pais de Mariana ambicionaram oferecer um futuro melhor para as filhas, mudando-se da antiga cidade para a capital em busca do que julgavam ser uma educação de melhor qualidade. Além do incentivo constante em relação aos estudos.

Em detrimento da mudança de cidade, Mariana descreveu:

Porque eles (os pais) já estavam pensando em um futuro melhor pra gente. Porque no interior, é completamente defasado o ensino. E aí eles sempre pensaram em algo melhor pra gente, pra mim e pras minhas irmãs e trouxeram a gente pra cá, desde pequena (MARIANA, 2016).

Incluir as filhas em um ambiente que para eles representaria ser mais favorável à educação, acometeria na ascensão póstera aos membros da família possibilitando o usufruto de uma melhor qualidade de vida.

Assim, como conjunto de recursos que exige sociabilidade entre a junção de recursos individuais para compor um grupo, a noção de capital social visa ainda o usufruto igualmente dos membros envolvidos. Esse conceito já havia sido analisado

por outros autores, no âmbito das Ciências Sociais, antes da perspectiva de Bourdieu (2007) que o descreve como sendo:

[...] o conjunto dos recursos reais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento mútuos, ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como o conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros e por eles mesmos), mas também que são unidos por ligações permanentes e úteis (BOURDIEU, 2007, p. 67).

Nesse sentido, relacionado ao capital cultural, o capital social é compreendido pelo autor como produto das relações sociais estabelecidas entre o indivíduo e determinado grupo ao qual faz parte.

Mesmo que de forma indireta, à transmissão de capital cultural é repassada de pais para filhos apresentando-se como o sistema de valores profundamente interiorizados. Embora não representem o que entendemos por classe dominante, de acordo com os próprios relatos sobre a condição econômica dos entrevistados, a transmissão de capital cultural acontece pelo anseio que o grupo familiar tem em ascender socialmente.

Em alguns casos, nota-se que os estudantes não percebem a interferência de familiares na escolha profissional que estão fazendo. No entanto, nos discursos dos mesmos nota-se a presença do capital cultural, investidos pelos indivíduos de seu convívio social, assim como o acúmulo de suas experiências. Este capital representa a bagagem que cada estudante trás consigo, antecedendo sua estadia na escola.

Uma das estudantes entrevistadas é Ana tem dezesseis anos, considera-se como parda. Mora somente com a mãe que, sempre a incentivou nos estudos. Possui renda econômica de dois salários mínimos e, só estudou o Ensino Médio em escola pública. Ao concluir o Ensino Médio aspira ingressar no curso de Odontologia, pretendendo estudar preferencialmente, em uma universidade pública.

A justificativa apresentada por Ana para sua escolha foi a experiência de ter frequentado consultório dentário, ao fazer manutenção de aparelho para a correção dos seus dentes, descrevendo ter-se apaixonado pela prática dos dentistas. Embora relate que ninguém interferiu em sua escolha, no decorrer de seu discurso observou-se a figura materna como incentivadora nessa tomada de decisão.

Sobre a interferência em sua escolha, Ana respondeu, “eu que escolhi mesmo. Mas, minha mãe gosta também, ela quer que eu seja Dentista. Porque é um curso que dá dinheiro, que trás um retorno”. Percebe-se que o incentivo da mãe reforça a decisão de Ana, e demonstra o interesse pelo retorno do investimento empregado.

A história de vida de Ana apresenta fatores importantes, ora isolados, ora conjugados, nos discursos dos demais entrevistados. Nota-se que, ao relatar o incentivo materno em optar por uma profissão que lhe traga retorno financeiro, a busca por um status social mais elevado. O relato de Ana nos oferece elementos para avaliarmos que, este fato provavelmente deve-se pelo investimento que a mãe reservou a sua educação, uma vez que a maior parte de seu Ensino Básico foi em escola da rede privada.

Nesse sentido, quanto mais investem no capital cultural de seus filhos, mais os pais alimentam suas práticas culturais e incentivam na educação. “Logo, deverão investir tanto mais na educação de seus filhos quanto mais disso depender seu êxito social” (BOURDIEU, 2007). O investimento que fazem visa um retorno que fortaleça ainda mais sua posição dentro da sociedade.

As histórias de Elaine e Giovana chamaram atenção pelo fato de, embora tenham sofrido a tentativa de influência por parte dos pais, ambas posicionaram-se contra ao que pretendiam seus familiares.

Elaine de dezesseis anos, por exemplo, que mora com os pais e sempre estudou em escola da rede pública, tem uma rotina de estudos tanto pela manhã como à tarde, devido ao cursinho pré-vestibular. Na escola, sua disciplina preferida é História. Ao concluir o Ensino Médio pretende ingressar em uma Universidade Pública, cuja escolha já foi definida. Sua preferência é, assim como Ana, a área da Odontologia.

Em relação a sua escolha Elaine relata que:

Eu mesma que escolhi e todo mundo apoiou. Mas, assim, meu pai quando eu fazia a oitava série, ainda nem estava no Ensino Médio, como ele trabalha com Engenharia, e ele me falava muito, eu até queria cursar Engenharia, mas só que, eu sou muito ruim em exatas, então eu desisti (ELAINE, 2016).

Embora tenha cogitado a possibilidade de dar continuidade à profissão do pai, através da interferência paterna em sua escolha profissional, Elaine averiguou

que de não ter tanto apressado pelas disciplinas que julga envolver cálculos, seria melhor optar por algo que gostasse mais de fazer.

Constata-se que, não há como descrever sobre o processo das “escolhas profissionais dos entrevistados sem levar em conta a questão das diferenciações e da imagem social das profissões presentes nas realidades por eles vividas, definida por uma diversidade de fatores” (NASCIMENTO, 2006, p.13). Por Elaine julgar que Engenharia envolve disciplinas de cálculo, resolveu não optar dentre as profissões da área de Ciências Exatas.

De acordo com a estrutura social, as quais os indivíduos estão submetidos, observa-se o modo como acontecem suas relações e escolhas. Essa estrutura é um sistema hierarquizado de poder e privilégios, determinado tanto pelas relações materiais e econômicas (salário/renda) como pelas relações simbólicas (status), ou culturais (escolarização) entre os indivíduos.

Giovana de dezessete anos, por sua vez, estudou em escola particular, até o nono ano do Ensino Fundamental, cursando somente o Ensino Médio em escola pública. Segundo Giovana, sua família é de “condição econômica baixa”. Em relação a participação dos pais ou responsáveis em sua educação ou do incentivo dos mesmos em relação aos estudos, esta respondeu:

Eles participam, agora de incentivo é uma coisa que não acontece [...]. Na verdade, eu digo que sou a ‘ovelha negra’ da família, vamos dizer assim. Todo mundo quer uma coisa: ‘Ah, eu quero Medicina!’. Todo mundo quer uma coisa (GIOVANA, 2016).

Questionei o porquê do fato dela se auto identificar como “ovelha negra da família” e a mesma completou: “Porque, sempre tem alguém que quer fazer Medicina, que quer fazer Direito. Aí, eles acham que, o curso que eu quero não vai me render um custo de vida, não vai dar dinheiro, não é um negócio que vá me dar um futuro” (GIOVANA, 2016).

Então instiguei, perguntando qual curso que ela pretendia fazer após concluir o Ensino Médio. Giovana respondeu, “meu foco é a Psicologia em segundo seria a Filosofia que eu sou apaixonada”.

Talvez, por este mesmo fato, os pais de Giovana não a tenham incentivado quanto a sua escolha profissional. Ambos não concordam com a decisão da filha.

O fato dos pais de Giovana preferirem que a filha faça Medicina é, observado por aspectos históricos que datam seu surgimento, em âmbito nacional.

No Brasil, como assinala Diniz (2001) quase todas as profissões nasceram assalariadas, como é o caso da Engenharia, frutos da expansão do aparelho estatal e das empresas do setor privado. No caso da Medicina, vista como profissão tradicional ao lado do Direito, não seguiram a linha de profissões assalariadas, devido a certa autonomia conferida a estas.

Cursar Medicina, para os pais de Giovana seria uma alternativa de “mudar de vida”, ou seja, ter um futuro tanto econômica quanto socialmente melhor do que a atual situação a qual estão vivendo.

O prestígio social conferido aos cursos superiores, como é o caso da Medicina, derivam do histórico de construção dos profissionais liberais, caracterizada pelo seu exercício autônomo.

A corrente das perspectivas funcionalistas, sinalizadas no capítulo anterior, ajudaram na legitimação dos status de poder e prestígio conferido as profissões de Médicos, Advogados e Engenheiros, ao darem ênfase aos estudos destas. Por se basearem na formação especializada, acreditavam que quanto mais uma pessoa fosse qualificada, mais a clientela estaria satisfeita com os serviços prestados. Assim, observava-se a distinção crescente entre os indivíduos qualificados frente aos não qualificados.

As profissões eram consideradas como grupos seletos, de formação escolar longa e organizados para manter e consolidarem seu monopólio, reconhecidas pelo Estado. Em contraponto a essa perspectiva, sabemos que, nos dias presentes existem profissões reconhecidas legalmente como tais, sendo que não demandam uma formação escolar para as exercerem. São as profissões consideradas de formação livre, como é o caso do pescador, do trabalhador rural, do vaqueiro, das empregadas domésticas, entre outras.

Embora teses descrevam a constante proletarização de profissões como a Medicina, sua fragilidade de argumentação é contestada por autores como Freidson (1996) e Diniz (2001). As teses de desprofissionalização defendem a perda da autonomia profissional, desqualificação do trabalho por meio do assalariamento oriundo das transformações no “mundo do trabalho”, como é o caso da terceirização. Mesmo por essa característica atribuída as profissões, ainda são vistas como de prestígio e estão sempre no ranking das mais escolhidas.

Os pais investem no capital cultural dos filhos, com o objetivo destes conseguirem ser inseridos nos grupos de prestígio. Como as profissões estão

inseridas no sistema de estratificação social, algumas delas acabam por possuírem privilégios frente a outras. É o caso das profissões tradicionais, vistas pela sociedade como elites e grande prestígio social.

As famílias planejam ações e *estratégias de reconversão de capitais* a fim de obter resultados positivos frente ao destino social dos seus filhos. Entendem e pretendem que seus destinos – escolares profissionais e sociais - sejam influenciados pelas relações e posições sociais ocupadas pelo grupo familiar (SATO, 2012, p.3).

A estratégia de *reconversão de capitais* a qual Sato (2012) nos apresenta é uma categoria utilizada por Bourdieu (2011), que representa as ações realizadas pelos indivíduos, neste caso as famílias dos estudantes, no intuito de melhorar de posição ou de determinado grupo social dentro da estrutura de classes. Em detrimento dos casos analisados, a reconversão de capitais é aqui referenciada para descrever o anseio pela elevação na hierarquia social.

Os pais de Mariana mantiveram a filha até o Ensino Fundamental em uma escola particular. E sempre a incentivam nos estudos. Sobre as pretensões para o pós Ensino Médio, Mariana respondeu que deseja estudar e trabalhar. O curso escolhido pela adolescente foi a Engenharia Civil.

Eu tenho facilidade com cálculo, então isso me ajudou a escolher. E, como meu pai já trabalha na construção civil, eu fiquei ainda mais decidida. Quando eu falei pra ele da vontade de fazer Engenharia Civil, ele ficou muito feliz e disse pra eu fazer mesmo. Minha mãe queria que eu fizesse Medicina. Não sei por que toda mãe quer que os filhos sejam médicos. Mas, eu disse logo pra ela que não gosto de sangue, de cortes, essas coisas. Passo mal. Mas, ela entendeu. Disse que, se foi isso que eu escolhi que é pra eu estudar muito pra passar de primeira (MARIANA, 2016).

Em relação a trabalhar, Mariana explicou que, caso não passe em uma das Universidades Públicas (Universidade Federal do Maranhão - UFMA/Universidade Estadual do Maranhão - UEMA), pretende pagar seu curso superior. A história de vida de Mariana nos revela que, os pais representam forte influência sobre seus estudos. Embora descreva que, tenha optado por Engenharia Civil, devido o gosto pela Matemática, relatando que seu pai trabalha na Construção Civil, lhe fazendo apreciar essa área.

Outra estratégia utilizada pelos familiares é a de manutenção da posição ocupada dentro da escala de estratificação, visando a permanência da família no grupo ao qual já se encontra.

Nos depoimento de dois estudantes, Nilson e Chrystian observamos esta relação. Em ambos os relatos nota-se o que, segundo Bourdieu (2007), explica ser a

transmissão de herança. Neste caso, o capital cultural aparece como sendo todas as práticas materiais ou simbólicas que envolvem aquisição ou internalização de herança repassada dos pais para os filhos.

Nilson de dezoito anos, natural de São Luís. Mora com os avós, pois o Pai reside no Pará e a mãe na Vila Embratel, um bairro da cidade de São Luís.

Nilson relatou que, ao concluir o Ensino Médio, pretende ir trabalhar com o pai. Não prestará provas para o Exame Nacional do Ensino Médio-ENEM e UEMA, se fizer uma faculdade será particular. Sua pretensão é ingressar na Marinha. “Porque é uma profissão que eu gosto. Meu pai trabalha lá, e é uma coisa que dá uma condição melhor. E meu pai sempre quis que eu fosse trabalhar com ele” (NILSON, 2016).

O fato do pai de Nilson trabalhar na Marinha e conhecer a realidade da profissão pretende que o filho siga seus passos, visando não apenas o reencontro de ambos, mas um “futuro melhor”. Por meio do capital ao qual Nilson teve acesso, por meio do pai, acabou se afeiçoando à profissão e aos prováveis benefícios que esta lhe proporcionará. Esse mesmo capital envolve aprendizagem por meio da cultura expressa nos gostos, atividades, acesso a informações, estilos, valores, entre outros.

No caso de Chrystian, em detrimento das experiências que teve com o pai, técnico em Segurança do Trabalho, aprendeu a gostar da área e pretende seguir a mesma carreira. “A Segurança do Trabalho. Porque eu aprendi a gostar dessa profissão. O meu pai trabalha na área” (CHRYSTIAN, 2016).

A família transmite um volume de *capital cultural* e certa disposição para operar de modo mais ou menos eficaz com este capital. As disposições vão sendo interiorizadas (*habitus*) pelos filhos de maneira consciente e, por vezes, inconsciente, contribuindo para as ações dos herdeiros frente às exigências sociais. A herança cultural difere de acordo com o espaço social e das relações que o indivíduo mantém no interior do seu grupo (SATO, 2012, p.6).

De acordo com a probabilidade de sucesso profissional, os estudantes que se espelham nos pais e sofreram certa influência sobre suas escolhas, demonstram que estão propensos a reproduzir a condição e posição ocupada por seus pais.

3.3 Vivências e Experiências

Outro fator que se observou nas entrevistas foram as vivências e experiências que os estudantes tiveram em sua trajetória cotidiana e que, favoreceram suas escolhas. Estas vivências representam ainda aprendizados que os adolescentes trouxeram consigo.

Retomando á história de vida de Ana, pode-se notar que suas experiências possibilitaram o seu acesso em outro ambiente, fazendo com que percebesse uma nova prática de trabalho. Como abordado no ponto anterior, Ana justificou sua escolha por ter frequentado o ambiente em que o profissional Dentista trabalha, identificando-se com o exercício desta profissão.

No mesmo discurso proferido por esta entrevistada, percebe-se a dialética no próprio contexto das profissões. Se a profissão de Dentista é favorável para a construção de um futuro economicamente melhor, é porque existem profissões que se encontram distantes dessa realidade de retorno financeiro imediato. Às vezes, nem por esta razão, mas devido à forma como são encaradas pela sociedade, ou devido à construção sócio histórica que as instituíram como tais.

Thalita, de dezessete anos representa bem as duas realidades. Esta estudante possui duas opções de possíveis profissões a seguir. Por fazer curso de Automação na instituição de ensino Laboratório Educacional de Desenvolvimento - LED, Thalita acabou se identificando com a área da Engenharia Mecânica. A vivência e o contato com esses conhecimentos fizeram com que a mesma, se interessasse por ingressar em uma profissão equivalente com o que já estava estudando.

Como segunda opção, Thalita escolheu o Curso de Formação de Oficiais da Polícia Militar- CFO/PM, pelo fato da mãe trabalhar com a polícia. Os dois fatores representam bem as histórias dos demais entrevistados. Embora cada um tenha experiências particulares, apresentem perfis e condições distintas, há um elo entre alguns relatos. O fator familiar esteve presente na maioria deles, quando não influenciando os adolescentes visando obter um status social e econômico melhor, transmitiam por meio do capital social e cultural.

Gustavo é um adolescente de dezessete anos. Natural do município de Primeira Cruz- MA, mudou-se com a irmã mais velha em busca de uma escolarização melhor na capital São Luís. Como os pais ainda moram em Primeira

Cruz, e devido as condições econômicas da família, Gustavo além de estudar, trabalha com um primo para complementar a renda e ainda aprender um ofício. Ao concluir o Ensino Médio, pretende cursar Engenharia Mecânica ou Educação Física. Ao questioná-lo sobre as razões de tais escolhas, respondeu que:

Bom, a Engenharia Mecânica, porque, de primeiro quando eu morava em Primeira Cruz, eu trabalhava em oficina de coisa, de carro, moto essas coisas. Eu gostava de ajeitar essas coisas. [...] A Educação Física eu tenho mais noção [...] Por causa dos meus treinos. Porque eu já malho e eu gosto muito disso (GUSTAVO, 2016).

As duas alternativas profissionais de Gustavo estão relacionadas com as experiências que obteve, uma vez que apresentam semelhanças em suas práticas. Desta forma, não há como deixar de destacar a correlação entre as trajetórias de vida com o tipo de curso escolhido. As vivências, nesse sentido, somam como mais um fator determinante no processo de escolhas dos adolescentes aqui expostos.

No seguinte tópico, discutiremos sobre o processo de identificações e sua relação com as escolhas profissionais, a partir do contexto dos estudantes entrevistados e suas conseqüentes aspirações para o futuro.

3.4 A construção da Identidade a partir da escolha profissional

A construção identitária é estabelecida através da socialização a qual cada indivíduo faz parte. Se desde a infância o indivíduo busca se identificar com os pais, professores, ícones dos meios de comunicação, entre outros, a identidade não pode ser encarada como inata, imutável, nem mesmo acontece sem a interferência de outros (DUBAR, 2005). Com o passar dos anos essas identificações podem tomar outras proporções.

O processo de escolhas reflete a construção de identificação dos adolescentes, ao se reconhecerem como indivíduos em relação aos outros, com gostos, valores e vivências distintas. Assim como o período da adolescência é construído do meio social, econômico e cultural, as identidades também são moldadas e apresentam seu grau de complexidade.

Nem sempre é fácil para o adolescente se identificar com um único grupo, por exemplo. Se vivemos na modernidade líquida relatada por Bauman (2005), onde assumimos não uma, mas diversas identidades, o adolescente vê-se neste emaranhado de possibilidades que envolvem seu processo de escolha profissional.

Além do sentimento de não pertencimento que parece ganhar cada vez mais espaço, gerando um mal estar não apenas individual, mas coletivo. Os indivíduos tendem a necessitar serem reconhecidos e aceitos, perseguindo um ideal de realização quase inatingível.

O conflito em relação ao processo de escolha daquilo que implicará no futuro, através de algo a fazer, neste caso uma profissão, expressa uma não integração dentre variadas identidades. As múltiplas alternativas apresentadas aos adolescentes a respeito de qual profissão seguir obedecem a identificações que, nem sempre se encontram agregadas.

Por esse motivo, notamos que, a maioria dos estudantes que entrevistamos, embora digam que estão decididos quanto à profissão, apresentam ainda uma segunda alternativa. No entanto, não podemos afirmar que, escolher mais de uma profissão é estar indeciso, mas pode conotar a identificação com mais de uma carreira.

Giovana representa bem essa dupla preferência por profissões, exposta em sua entrevista. “É, eu tenho uma. Mas eu tenho outra que sempre me interessou também, que eu até falo assim: Nossa, quando eu fizer essa, eu quero muito fazer essa outra também porque são coisas que eu gosto muito”. Uma pelo fato de gostar de observar o comportamento das pessoas. A outra porque lhe instiga o conhecimento. Estas profissões são, respectivamente, Psicologia e Filosofia. Giovana afirma se identificar com ambas e pretende cursar as duas, mesmo que uma de cada vez.

Outra situação semelhante é a de Robson. Em sua entrevista descreveu morar com os pais e irmãos, trabalha à tarde em *pet shopping* e, acredita que sua obrigação é estudar para conseguir um futuro melhor para si e seus familiares. Quanto a escolha profissional, Robson disse: "Eu tenho dois cursos, que eu pretendo. É Educação Física e Administração". A Educação Física, pois pretende ter, futuramente um projeto social que auxilie as pessoas a obterem uma condição de vida mais saudável. E a Administração porque sua matéria favorita na escola é a Matemática, considerando-se bom de cálculo.

As construções dessas identidades podem estar atreladas, não apenas ao gosto dos adolescentes por determinadas profissões. Mas, pela forma como estes almejam ser identificados no futuro, a qual posição ou grupo pretendem pertencer.

A identidade social não é “transmitida” por uma geração à seguinte, cada geração a constrói, com base nas categorias e nas posições herdadas da geração precedente, mas também através das estratégias identitárias desenvolvidas nas instituições pelas quais os indivíduos passam e que eles contribuem para transformar realmente. Essa construção identitária adquire uma importância particular no campo do trabalho, do emprego e da formação, que conquistou uma grande legitimidade para o reconhecimento da identidade social e para a atribuição dos status sociais (DUBAR, 2005, p.156).

Em todos os fatores encontrados nas entrevistas realizadas, observamos a identificação profissional dos estudantes referente as habilidades pessoais, as influências familiares, assim como as vivências por eles apresentadas. Entre os exemplos, temos a relação entre o gosto pelo desenho e a profissão do Artista Plástico. O contato da adolescente com a profissão do pai e sua identificação com a mesma área. Além da experiência em executar determinada atividade, por alguma circunstancia e pretender levar isso para o resto da vida, como o caso do estudante que ao praticar atividade física pretende formar-se como Educador Físico.

Essas identidades foram resultado do meio ao qual cada um desses estudantes esteve ou está inserido, como nos apresentou Bauman (2005). Analisar a temática das escolhas profissionais torna-se um desafio para as Ciências Sociais, justamente pelo fato de se distanciar dos estudos da Psicologia. Compreender sociologicamente esse fenômeno implica em identificar, não apenas os fatores que envolvem as escolhas, mas saber que os indivíduos encontram-se inseridos em estruturas sociais e possuem trajetórias aos quais estão condicionados.

A escolha profissional não está envolta apenas nos gostos, preferências e expectativas de vida dos indivíduos, mas na busca por um espaço na sociedade do trabalho. Esperam ser integrados e aceitos por uma sociedade que exclui, prioriza as classes dominantes e os dotados de diplomas e status econômico e social. Por isso a importância da construção identitária para os estudantes concluintes do Ensino Médio.

Ao finalizar cada entrevista os indagava sobre as expectativas daqui a cinco anos. Dos onze entrevistados, dez responderam que pretendem estar formados. Somente Nilson respondeu que visa estar trabalhando como Marinheiro. A maioria aspira estar trabalhando, tendo uma qualidade melhor de vida, podendo assim ajudar a família.

Chrystian planeja, após a formação profissional ter, em suas palavras, “uma boa qualidade de vida”. A pretensão de Ellen é estar formada, “com uma boa

condição, ajudando a minha família. Quero ter minha casa, mas não quero ter família ainda não, sou muito nova".

Gleice, por sua vez, projeta "uma condição melhor de vida. Trabalhando como educadora física. Dando aula em uma escola e em academia também".

Os relatos de Chrystian, Ellen e Gleice, expressam esse anseio por uma condição de vida melhor, por meio da formação profissional. Estes estudantes visam obter os credenciais necessários, não apenas para decifrar os códigos de determinado grupo ao qual ambicionam fazer parte, mas para serem aceitos e ingressarem nas "comunidades associativas fechadas" que são as profissões (Collins *apud* Diniz, 2001, p. 160).

Nesse sentido o processo de escolhas profissionais, como possibilitador também do processo de construção de identidades, está envolto nas aspirações que os indivíduos estabelecem para com o futuro e a conseqüente busca pela realização de seus objetivos seja para "melhorar de vida" ou "permanecer" em determinada posição.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho monográfico surgiu do interesse em refletir sobre os fatores que influenciam adolescentes do terceiro ano do Ensino Médio de uma escola pública a escolherem uma profissão e a conseqüente construção de identidades que este processo de decisão possibilitaria.

Ponto que a pesquisa limitou-se a escola pública de Ensino Médio, Centro de Ensino Menino Jesus de Praga, na capital maranhense São Luís. A decisão de torná-la campo de análise do assunto abordado ocorreu devido aos laços anteriormente estabelecidos com a instituição, na época do Estágio Obrigatório em Licenciatura, como descrito na Introdução. Além da proximidade de sua localização, tanto da Universidade Estadual do Maranhão, como do endereço em qual resido.

Foram utilizadas como técnicas de pesquisa entrevistas semiestruturadas com onze estudantes do terceiro ano regular, turno matutino e pesquisas bibliográficas. Como método destacou-se a História de vida, em função de esta apresentar-se como descritiva e avaliadora, visando apreender as narrativas pessoais, elementos gerais, refletindo sobre o exato momento da entrevista.

Esta monografia apresentou três seções que, relataram o início e construção desta pesquisa, assim como a fundamentação teórica utilizada para análise da última parte. Na Introdução, representada como primeiro capítulo, apresentamos elementos sobre a construção de todo o processo, desde a inserção na graduação em Ciências Sociais, como a escolha e metodologias utilizadas para a realização deste trabalho monográfico.

O segundo capítulo trouxe as contribuições da Sociologia das Profissões, como ramo da Sociologia Geral, subdividida em duas principais correntes, funcionalista e interacionista. Assim como as trajetórias e utilizações de algumas categorias atreladas à profissão.

O último capítulo apresenta as análises das entrevistas, pontuando o processo das escolhas profissionais, os fatores que contribuem para tais decisões e, a construção identitária que ocorre durante esta trajetória percorrida pelos estudantes em destaque.

No decorrer desta monografia dissertou-se sobre as mudanças encaradas pelas categorias ofício, trabalho, ocupação e emprego, ambas ligadas a trajetória da profissão como objeto de estudo sociológico. Discutiu-se, inicialmente sobre a

categoria ofício, traçando o percurso trilhado por esta, assim como a construção histórico-social que favoreceu a relação com o termo trabalho.

Como observado, por volta dos séculos XI e XII, os ofícios eram executados pelos artesãos ou mestres de ofício que, detinham conhecimento e domínio sobre determinada atividade. Em pequenos galpões, estes repassavam tais atividades para seus aprendizes.

Devido as mudanças estruturais ocorridas no contexto europeu, em âmbitos econômico e social, as relações de produção embasadas pela expansão comercial, possibilitaram transformações e o surgimento de novas concepções de trabalho. Com os avanços do meio industrial, a categoria trabalho passou a vigorar trazendo consigo novos sistemas de produção, práticas culturais e uma dinâmica diferenciada com a instauração de maquinário e outras tecnologias.

A categoria trabalho esteve, ao decorrer da história, ligada à servidão, escravidão e a questões religiosas. Em fins do século XIX, com a consolidação do sistema capitalista e devido as modificações que a sociedade estava enfrentando, o processo de produção científica do conhecimento sobre a sociedade ganhou espaço, com a sistematização das Ciências Sociais.

As análises de Marx, Weber e Durkheim, apesar das explicações e métodos distintos, elegeram o trabalho como objeto de estudo científico. Esses estudos deram margem para o desenvolvimento da Sociologia do Trabalho que, por sua vez, assinalava para a instauração de modelos de produção em massa, ao contrário da produção das oficinas artesanais. Os modelos taylorista e fordista objetivavam a expansão produtiva, através da fragmentação das atividades. Outro modelo apresentado foi o toyotismo, caracterizado pela flexibilização das atividades executadas por trabalhadores especializados e que detinham conhecimento sobre todo o processo de fabricação.

Por volta da década de 30, os estudos fornecidos pela Sociologia das Profissões possibilitou outro olhar para a história dos grupos ocupacionais e a relação destes com o que se reconhecia formalmente como profissão. As contribuições das correntes funcionalista e interacionista viabilizaram não apenas o entendimento dessas categorias e suas trajetórias, mas auxiliaram na compreensão da relação da profissão com as práticas sociais.

Marcada pelo pioneirismo dos estudos funcionalistas, a primeira fase das análises da Sociologia das Profissões, ocorrida entre os anos cinquenta e sessenta,

tinha a profissão e o profissionalismo como componentes que contribuíam para o funcionamento da sociedade capitalista. Para essa perspectiva a preocupação estava em compreender o que era profissão; quais suas contribuições e funções para a sociedade e de que forma iriam mantê-la.

No entanto, essa fase também é caracterizada pela ruptura das perspectivas funcionalistas devido à emergência dos trabalhos de autores da corrente interacionista. Para estes últimos havia a necessidade de se analisar o reconhecimento de alguns grupos ocupacionais como legítimos socialmente.

As análises de alguns autores como Bonelli (1993), Diniz (1998, 2001), Freidson (1996) e Martins (2015), deram margem para se compreender a categoria profissão e os percursos e demais atribuições a ela referida. Em detrimento das identidades profissionais e sua construção a partir do processo de escolhas profissionais, foram destacadas as contribuições de Bauman (1998, 2005), Hall (2003) e as análises de Dubar (2005) em relação a dimensão profissional das identidades.

Na análise das entrevistas, contou-se com os estudos de Bourdieu (2007, 2007, 2011) quanto às noções de capitais cultural e social e a reconversão de capitais apresentada também por Sato (2012), além do apoio fornecido por Primi (2000) em razão das características que envolvem o processo de decisões.

O termo profissão apresentou-se por seu caráter multifacetado, descrevendo um processo social heterogêneo de construção de perfis identitários. Compreendeu-se que este termo serve para acomodar determinado grupo especializado, legitimado pela sociedade e digno de confiança pública. Portanto, a profissão desenvolve uma autoridade cultural e social, obtendo por meio de seus serviços, prestígio, poder e status econômico.

A pesquisa revelou que durante o processo de decisão profissional, os estudantes traçam suas escolhas pautadas em fatores de importante relevância e que, estão envolvidos com a bagagem sociocultural e as suas trajetórias de vida. Identificou-se, através dos depoimentos dos agentes participantes das entrevistas, três principais contribuidores para a realização das escolhas desses adolescentes, “dom” e/ou gosto, influências familiares, vivências e experiências.

Observou-se ainda que as identidades são formadas pela socialização do indivíduo, desde o seu nascimento fazendo do processo de escolhas profissionais um construtor de novas identidades. Sendo a identidade profissional, apenas mais

uma dentre tantas identidades que podem ser assumidas pelos estudantes em seu processo de construção social e de tomada de decisão.

Como um processo de via de mão dupla, a socialização tanto é estabelecida pela influência do indivíduo para com o outro, assim como da influência que sofre deste em relação a si próprio. Desta forma, as identificações são internalizadas com as experiências e demais práticas socioculturais as quais os indivíduos estão condicionados.

Tanto alguns familiares quanto os agentes entrevistados objetivam, com a escolarização, elevar seu capital econômico e assim melhorar sua condição na estrutura social. Para tal finalidade, buscam por meio de duas estratégias principais, manter sua posição social ou ascender dentro da hierarquia de classes. Percebeu-se assim que, as escolhas que executamos é algo naturalizado e não natural, uma vez que estas estão ancoradas em critérios sociais. E que as escolhas não devem ser reduzidas a frutos de projetos ou como meros reflexos da estrutura social.

Escolhemos porque estamos envolvidos em fatores internalizados através do acúmulo de capitais que trazemos como bagagem, de acordo com a posição que ocupamos na hierarquia social. Mas, escolhemos ainda pelas experiências que vivenciamos, pelas identificações as quais construímos ao longo da vida, pela “herança” familiar e devido as práticas e esquemas de pensamento e ação (habitus) socioculturais que estruturam a sociedade a qual estamos inseridos.

Tendo em vista que esta pesquisa avaliou apenas uma pequena parcela dentre as inúmeras realidades apresentadas pelos adolescentes inclusos nessa categoria, como estudantes do terceiro ano do Ensino Médio de uma escola da rede pública, observo que estas reflexões não podem ser aqui esgotadas e nem encaradas como generalizações.

Embora as amostras, como partes, nos deem uma visualização sobre o todo, ainda é necessário outras análises e talvez uma discussão que inclua a dialética presente entre esta realidade apresentada com a de uma escola da rede particular de ensino.

Por fim, objetivo a continuidade deste trabalho que, não pretendo aqui finalizar, mas dar margem para novas reflexões. Uma vez que sociedade é uma junção de diversidades, não apenas culturais, mas de identificações, e processos de escolhas, como sobre as profissões aqui estabelecidas. E está sempre a se transformar e reestruturar, devido a sua característica dinâmica.

REFERÊNCIAS

- ALVES, G.; ANTUNES, R. **As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital**. Educ. Soc., Campinas, vol. 25, n. 87, p. 335-351, maio/ago. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v25n87/21460.pdf>. Acesso em: 14/04/2016.
- ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** São Paulo: Cortez, 1995.
- BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. **Identidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2005.
- BATISTA, É. **Fordismo, taylorismo e toyotismo: apontamentos sobre suas rupturas e continuidades**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2006. Disponível em: http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/terceirosimposio/erika_batista.pdf. Acesso em: 05/05/2016.
- BECKER, H. S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. Editora Hucitec: São Paulo, 1993.
- BONELLI, M. G. **As Ciências Sociais no Sistema Profissional Brasileiro**. *BIB*, Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, n. 36, 1993, pp. 31-61.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- _____. **Escritos de educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- _____. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2011.
- BRASIL. [Lei Darcy ribeiro (1996)]. **LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. – 9. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014.
- _____. Ministério do Trabalho e Emprego. **Classificação Brasileira de Ocupações: CBO - 2010 - 3a ed.** Brasília: MTE, SPPE, 2010.
- _____. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília, 2013
- DINIZ, M. **Os donos do saber: profissões e monopólios profissionais**. Rio de Janeiro: Renavan, 2001.
- _____. **Repensando a teoria da proletarização dos profissionais**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 10(1): 165-184, maio de 1998. Disponível em: <file:///C:/Users/USER/Downloads/86765-122536-1-SM.pdf>. Acesso em: 27/05/2016

DUBAR, C. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DURKHEIM, É. **Da divisão social do trabalho.** São Paulo: Martins Fontes, 1995.

DOS SANTOS, A. F. P. R. **Principais abordagens sociológicas para análises das profissões.** São Paulo, 2011.

FELIX, F.; NOVARO, E. **Habilidades e competências: novos saberes educacionais e a postura do professor.** Disponível: <http://www.univar.edu.br/revista/downloads/habilidades.pdf> Acesso em: 27/06/2016.

FREIDSON, E. **Para uma análise comparada das profissões: a institucionalização do discurso e do conhecimento formais.** Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo, v. 11, n. 31, 1996.

GRYNSZPAN, M. **Ciência política e trajetórias sociais: uma sociologia histórica da teoria das elites.** Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 1999.

GONÇALVES, C. M. **Análise sociológica das profissões: principais eixos de desenvolvimento.** Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/5512.pdf> Acesso em: 25/01/2016.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HOLANDA, S. B. **O homem cordial.** In: Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. pp 139-151.

MARTINS, L. R. Teoria das profissões e a análise dos fundamentos do serviço social. **Verinotio – revista on-line de filosofia e ciências humanas.** n. 20, Ano X, out./2015 – Publicação semestral.

MARTINS, M. S. N. **Entre a cruz e o capital: as corporações de ofícios no rio de janeiro após a chegada da família real (1808-1824).** Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

MARX, K. **O Capital: crítica da economia política.** Tradução por Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1985a. Livro 1, v.1, t.1. (Os economistas).

_____. **Economia política e filosofia.** In: Metodologia das Ciências Humanas. São Paulo: Hucitec, 1998.

MILLS, C. W. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

NASCIMENTO, M. G. C. A. **Trajетórias de vida de professores formadores: a constituição de habitus profissionais.** Rio de Janeiro: PUC, 2006.

- OLIVEIRA, C. I.; SANTOS, P. G. **De nichos corporativistas a ocupações precarizadas: na contra mão da História da Sociologia das Profissões**. XVI Congresso brasileiro de Sociologia, Salvador, 2013. Disponível em: http://www.automacaodeeventos.com.br/sigeventos/sbs2013/inscricao/resumos/0001/PDF_trab-aceito-4169-1.pdf > Acesso em: 19/05/2016.
- PRIMI, R. [et al.]. Desenvolvimento de um inventário de levantamento das dificuldades da decisão profissional. **Revista Psicologia Reflexão e Crítica**. São Paulo, v.13, n.3, p.451-463, 2000. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/prc/v13n3/v13n3a13.pdf>>. Acesso em: 23/04/2016.
- SATO, S. R. S. **O papel da herança familiar na seleção escolar: o caso do concurso vestibular da universidade federal de santa Catarina do ano de 2010**. Disponível em: http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Psicologia_da_Educacao/Trabalho/06_41_08_1868-7354-1-PB.pdf> Acesso em: 28/05/2016.
- SPINDOLA, T.; SANTOS, R. S. **Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?)**. Rev Esc Enferm. USP, 2003.
- WEBER, M. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

APÊNDICE

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Idade: _____ Gênero: _____ Etnia: _____

1. Você nasceu em São Luís?
2. Mora em casa própria, alugada; apartamento, outros.
3. Quantas pessoas moram com você?
4. Descreva as experiências que mais te marcaram nesta escola.
5. Você sempre estudou em escola pública?
6. Qual a relação dos seus pais ou responsáveis com os seus estudos e com a escola?
7. Como você se considera como estudante?
8. Como é sua rotina diária? Você faz outra atividade além de estudar?
9. Como você considera a condição econômica da sua família?
10. Quais são os teus projetos para depois do Ensino Médio?
 Cursar uma Universidade Pública Cursar uma Faculdade Particular
 Fazer um curso técnico Deixar de estudar e ir para o mundo do trabalho
 Outro: _____
11. Em relação à escolha de uma profissão você
 ainda não pensou no assunto já fez sua escolha está indecis@ tem alguma dificuldade
 Se tiver dificuldade, descreva alguma(as) e a que estão ligadas

12. Indica por ordem de preferência, até três profissões que, neste momento gostarias de vir a exercer no futuro:
 1.^a _____ 2.^a _____ 3.^a _____
13. Quais as principais razões que te levam a escolher essas profissões?

14. Qual o teu conhecimento sobre o que as pessoas fazem na profissão que desejas?
 Não conheço nada Conheço mais ou menos Conheço praticamente tudo
15. Na tua opinião quais são as tuas habilidades e limitações para o desempenho dessas profissões?

16. Avalia de 0 à 10, quais os fatores que mais interferem nas tuas escolhas, neste caso na profissional:
 _____ Eu _____ Família _____ Amigos _____ Professores _____ Mídias _____ Outros
17. Como você se imagina daqui a cinco anos?